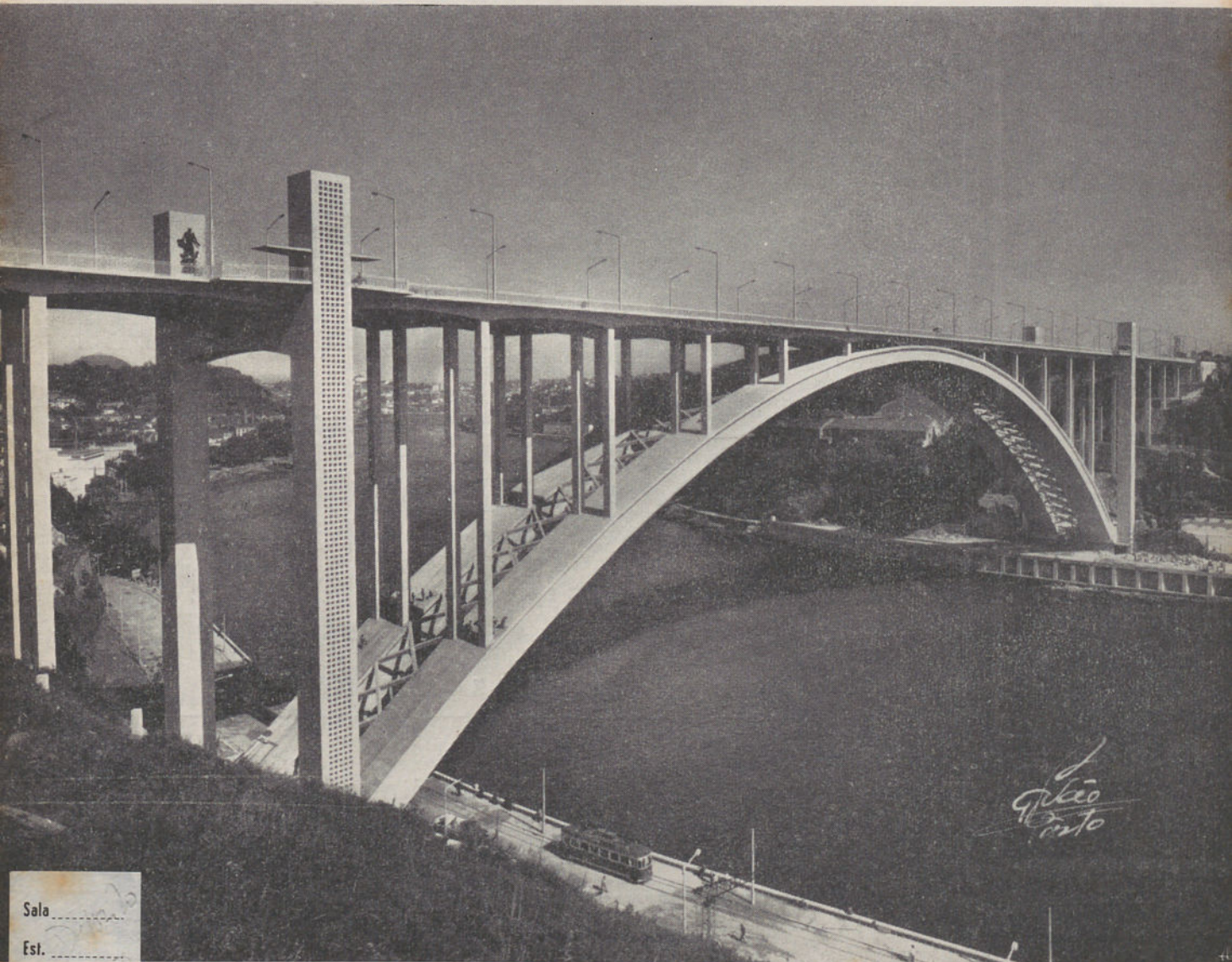


Gazeta das Aldeias

N.º 2498

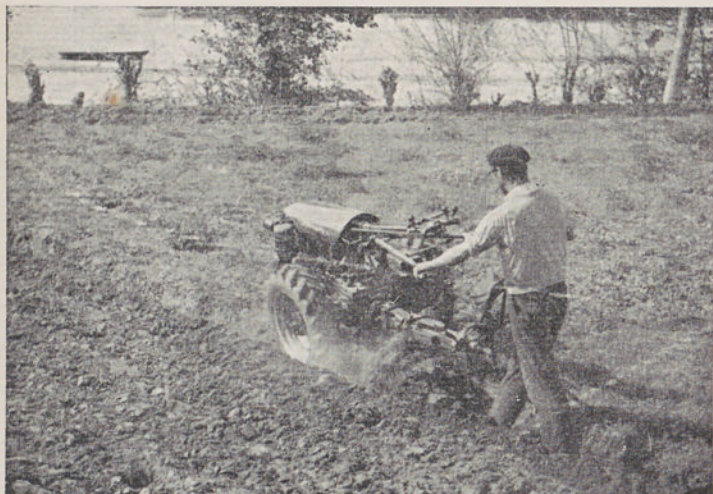
;

1 DE JULHO DE 1963



*Plano
ento*

Sala _____
Est. _____
Tab. _____
N.º _____



← *Na Lavoura*
BUNGARTZ

Nas Vinhas e Pomares →
BUNGARTZ



← *Nos Transportes*
BUNGARTZ
(ISENTO DE CARTA)

**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP.



RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

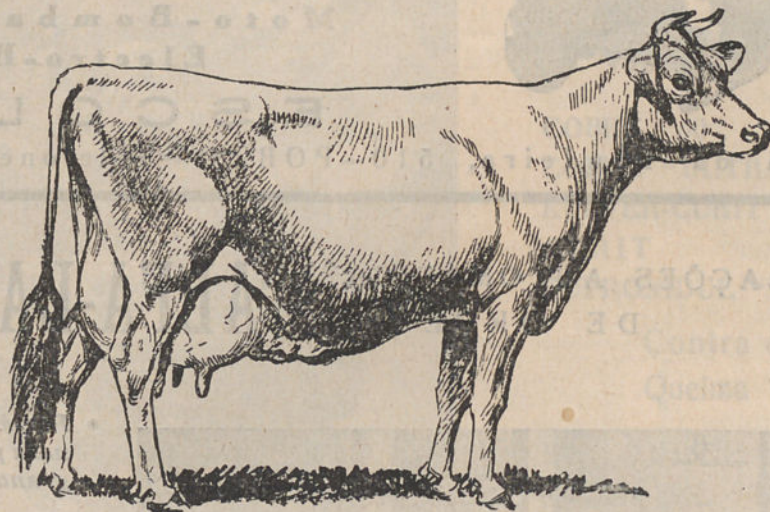
Avenida Rodrigues de Freitas, 68

PORTO

Telefs. 55161-2-3

8067

VACA que não é ordenhada
é VACA que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



3211

Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



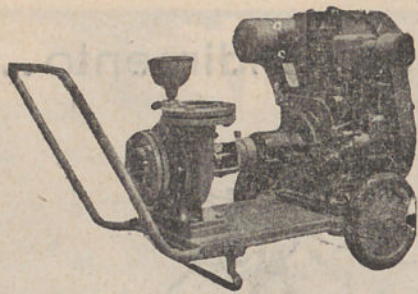
* Marca Registada

Apresentação: { POMADA
Bisnaga de 7,1 g
SUSPENSÃO
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A
Rua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO



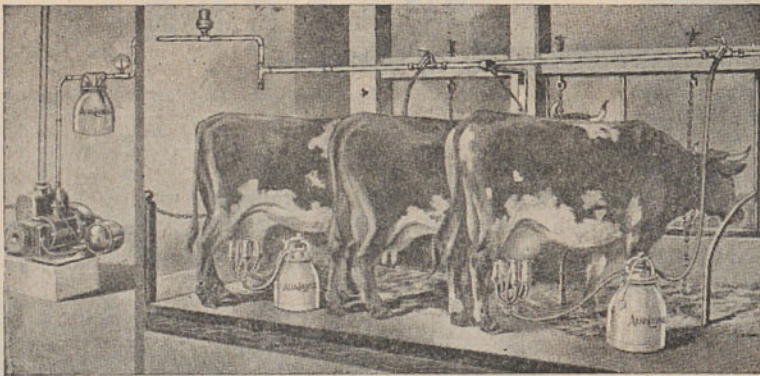
**Boas Regas...
Melhores Colheitas...**

Bombas
Moto-Bombas
Electro-Bombas
ESCOL

8915

Rua Sá da Bandeira, 510—PORTO—Telefone, 24809

INSTALAÇÕES AUTOMÁTICAS "ALFA-LAVAL"
DE ORDENHA



- * *Portáteis e fixas, para pequenas ou grandes vacarias*
- * *As mais modernas e eficientes*
- * *Funcionamento garantido*
- * *Leite higiénico*
- * *Economia de mão de obra*

3887

PARA ESCLARECIMENTOS CONSULTE OS REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

HARKER, SUMNER & C.^A L.^{DA}—PORTO-38, R. Ceuta, 48 * LISBOA-14, L. do Corpo Santo, 18

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couves brócu'o, Couves flor, Lombarda, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Tronchuda: Ervilhas de grão, Feijões de vagem, Espinafres, Rabanetes, Repolhos, assim como: Azevêns, Eucaliptos, Erva molar, Luzernas. Lawn-grass Ray-grass, Trevos etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê a preferência às sementes que com todo o escrupulo lhe fornece a

"SEMENTEIRA" de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones: 27578 e 33715 — PORTO
CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente

N. B. — Preços especiais para revenda





Produtos

“SCHERING”

a) Contra as **doenças** das **Vinhas e Batatais:**

COBRE “50”
COBRE “ULTRA”
KUPFER-CURIT
CURIT
CUPROXIDUL “ULTRA”

Contra o Míldio ou
Queima

ENXOFRE
MOLHÁVEL “TOP”

Contra o Oídio ou
Farinha

b) Contra as **pragas**, incluindo o Escaravelho da Batateira

DIDITAN “50” e “líquido”
Contendo DDT + LINDANO

DIDITAN Super
Contendo 50 % de DDT

VERINDAL “50”, “ULTRA” e “líquido”
Contendo LINDANO

c) Contra o Alfinete ou Bicha Amarela do Milho

VERINDAL “S”, ALDRINE CONCENTRADO
“DISPERSÍVEL”

d) Contra o Escaravelho da Batateira resistente aos insecticidas clorados

SV “50”
Contendo 50 % de 1-naphthyl-N-methylcarbamate



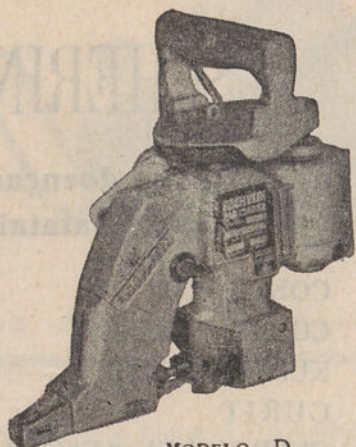
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA



N
O
V
I
D
A
D
E



MODELO-D

Máquina Eléctrica Portátil

FISCHBEIN
DE FECHAR SACOS

- * Manejo muito simples.
- * Grande robustez.
- * Fecha qualquer tipo de saco de tecido ou papel.
- * Pode ser utilizada por operários inexperientes e nas mais duras condições de trabalho.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

8942

Sociedade Victor, Lda.

Av. António Augusto de Aguiar, 25-A
LISBOA-1 Telef.: 51223

Jóias-Pratas
Mármore-Bronzes
e prendas para
Baptizados e
Casamentos

3056

**Ourivesaria
ALIANÇA**

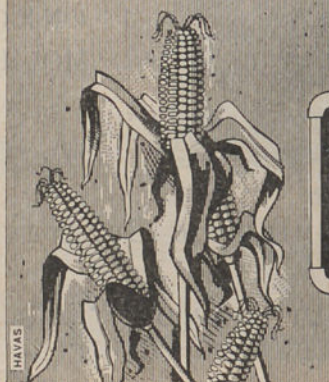
PORTO

191, R. das Flores, 214

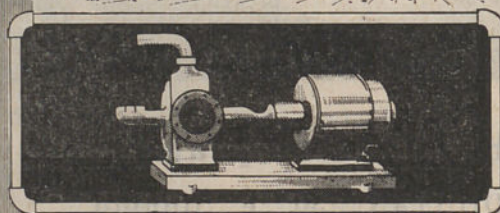
Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50

MELHORES

REGAS... PARA **MAIORES
COLHEITAS...**



HAVAS



TUDO PARA REGAS

PINTO & CRUZ, L. DA

60 • R. ALEXANDRE BRAGA • 64 - PORTO
TELEFONES • 26001 (P. P. C.)

MOTORES • BOMBAS • TUBOS

2177

A Competente

UM NOME QUE DIZ TUDO

8984

*Para transacções de propriedades e
empréstimos s/ automóveis*

Rua de Ceuta, 11-1.º D.to -- Telefones: 35026-35925-29011 - PORTO

Snr. Lavrador

F a ç a s s u a s c o n t a s !

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

3465

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

L I S B O A - 3

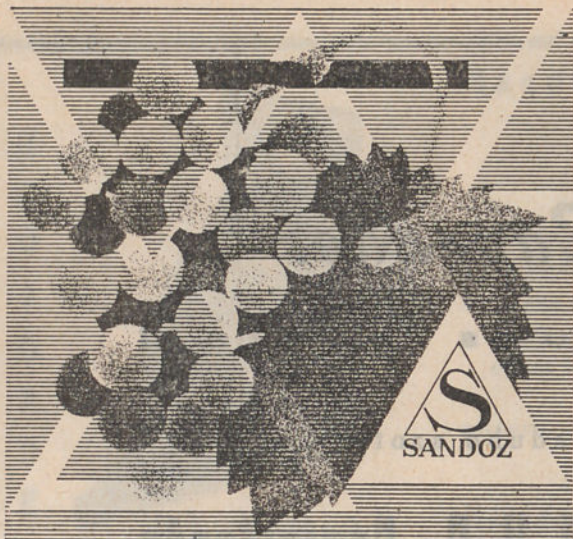
Av.^a do Infante Santo
(Baveto da Av.^a 24 de Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS



Produtos Sandoz Lda.
Rua João Penha, 14 B - Lisboa

A ameaça persiste, a protecção continua.

Contra o míldio, oídio, lagarta da uva e aranhão vermelho:

Miltox cupro-orgânico, ou

Cobre-Sandoz
óxido cuproso

Thiovit enxofre molhável

Ekatox parathion

Ekatine
insecticida e acaricida sistémico

9833

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO, RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, S. A. R. L.

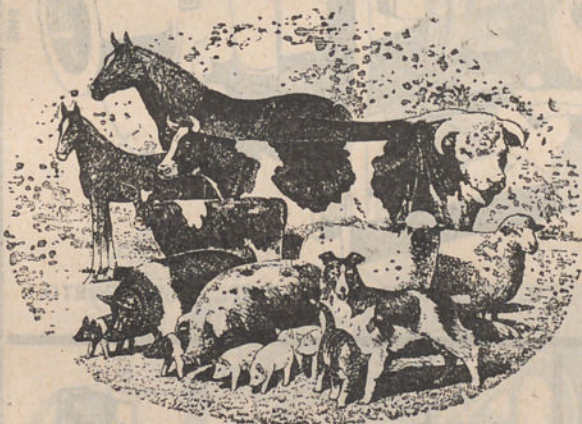
TRAVESSA DA GLÓRIA, 17-LISBOA

3427

Proteja

a Pecuária Nacional

Os métodos de criação e as raças
variam . . .



mas

o AUROFAC* suplemento alimentício revolucionário, para as aves de criação, os bezerros e os porcos, dá sempre resultado . . .

porque

... dando-se-lhes AUROFAC* os animais produzem maior lucro no mercado, visto estar provado que:

- a *crecem com maior rapidez*
- b *dão mais carne com menos alimento*

Sim... O AUROFAC*, que é devido ao labor de investigação científica da American Cyanamid Company, contém AUREOMICINA* e Vitamina B₁₂... e obra autênticos milagres!

Dê sempre a suas aves de criação, bezerros e porcos, alimentos que contenham...

AUROFAC*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

WAYNE, N. Y. E. U. A.

Representantes exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.^A
Rua Conde Redondo, 64 — LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO

GAZETA DAS ALDEIAS



* Marca Registrada

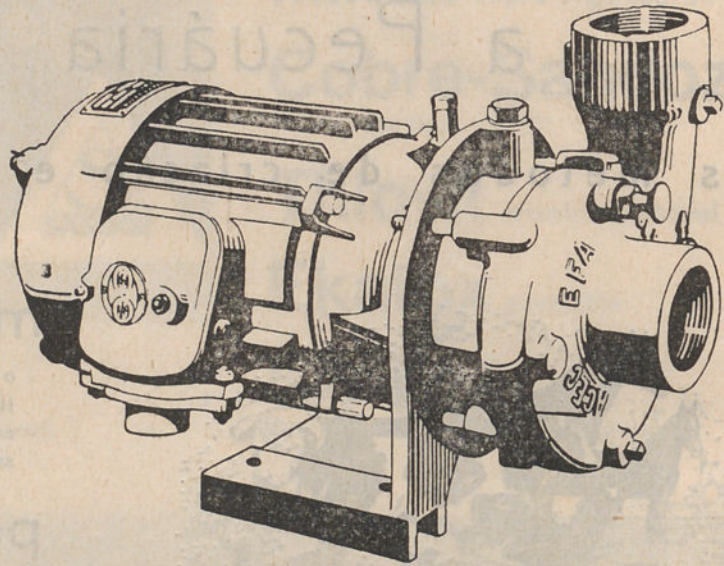
3243

(271)

ELECTROBOMBAS EFACEC

ALTO
RENDIMENTO

BAIXO
CONSUMO



3943

AGENTE OFICIAL:
BONNEVILLE OLIVEIRA

R. DE CAMÕES, 310 — TELEF. 20859 — PORTO

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

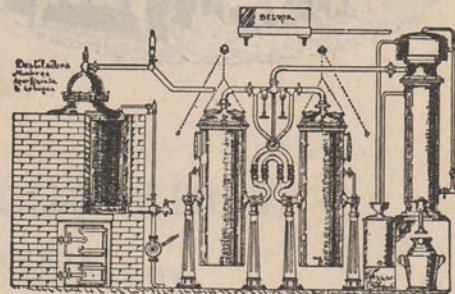
UMA GOTTA DE HERPETOL
e o seu desejo de coçar
passou. A comichão des-
aparece como por encanto.
A irritação é
dominada, a
pele é refres-
cada e ali-
viada. Os
alívios come-
çaram. Medi-
camento por
excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco,
crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 — LISBOA



Oficina Manufactora de Caldeiraria

Destiladoras contínuas, Alambiques Dercy e
de coluna ao lado, Destiladores de água, Ser-
pentinhas, Esquentadores e Cilindros eléctricos
para aquecimento de água e Braseiras de cobre
e latão, simples e artísticas, etc.

*Caldeiras para a indústria de
Lactícínios, Tinturaria, Lagares, etc.*

Belmiro Pinto de Mesquita

Est. de Vendas:

Oficina:

R. Santos Pousada, 467 a 471-PORTO-R. Caldeireiros, 67-69

3919



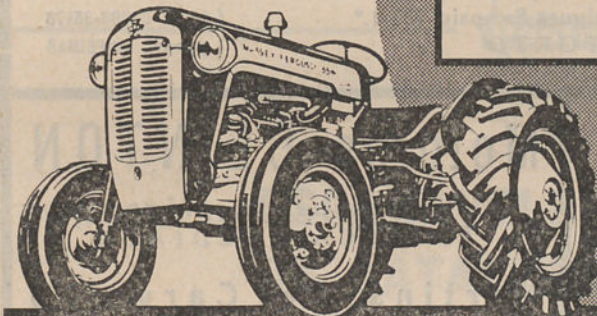
MASSEY-FERGUSON

APRESENTA O NOVO TRACTOR

3-5-X

com

44 hp



E O AUTÉNTICO

GARANTIA
DE UM ANO

Sistema " **FERGUSON** "

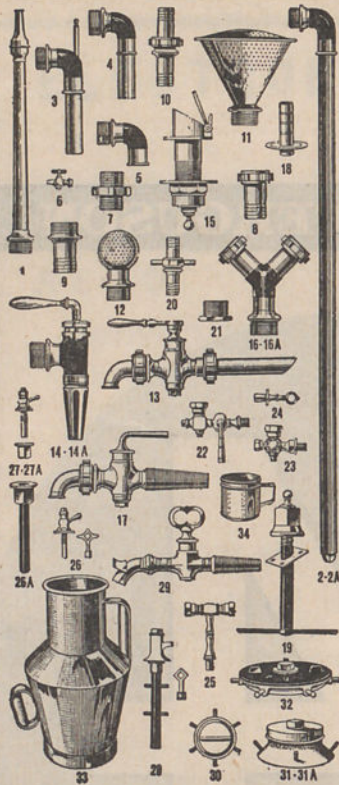
TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

Av. da Liberdade, 35, 4.

LISBOA

Agentes em todo o País

3687



Tanino «Dyewood» 100 % solúvel (o mais puro à venda no País)

Amiantos «Filterit» (isentos de ferro e de cálcio)

Carvão Vegetal «Actibon» (poderoso descorante, absolutamente inodoro)

Calgonit (o mais enérgico produto para lavagem e desinfecção de vasilhame)

Microsil (a mais fina terra de infusórios para filtros)

Filtrodur (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

Grupos Electro-Bombas * Filtros Suíços de Placas * Instalações Suíças para Filtração * Instalações para Gaseificação * Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões * Máquinas de Rolhar, etc. * Mangueiras de Borracha e de Plástico * Aparelhos de Laboratório

Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

TELE { fones: 28093-35173
gramas: GUIPEIMAR

3876

PEBES de coelho, raposa e de todos os animais — Curtimos, tingimos e confeccionamos

RÚSSIA NO PORTO

Raposas e casacos de peles aos melhores preços.

R. Fernandes Tomás, 561-Porto
(Alma de Capela das Almas)
Telef. 22960 2118

Motores CLINTON

Acessórios de origem
ENTREGA IMEDIATA

Martins de Carvalho
Rua da Madalena, 138 — LISBOA — Telef. 869228

3937

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível. Todos os Grêmios de Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

Produtos compostos completos:

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos de engorda
- SOJAGADO N.º 4 — > Galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — > Pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — > Frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — > Frangas

Produtos compostos complementares:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — > bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — > aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — > éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — > porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63
Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 323830 e 327806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

3584



Srs. Lavradores!

Defendam as suas vinhas do
mildio, pulgão e oídio
usando com resultados garantidos

COBRE · DDT · ENXOFRE

Pestax

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES.

Agro-Química Pestax, Lda.

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2

Insecticidas · Fungicidas · Herbicidas · Raticidas



COMBATA O **ESCARAVELHO**
DA BATATEIRA

com o novo insecticida à base de
Naftil-N-Metil Carbamato

especialmente indicado para a sua
exterminação total, mesmo dos tipos
resistentes que surgiram nas regiões onde a eficácia dos insecticidas
clorados (DDT, Lindane, Dieldane, etc.), é actualmente pouco activa.



«LEPTENE SUPER»
Pestax

3926

Importadores e Distribuidores:

AGRO-QUÍMICA PESTAX, LDA.

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2

GAZETA das ALDEIAS

(275)

Societa Elettrica e Elettrochimica del Caffaro

MILANO

- **Pó “Caffaro”** superconcentrado,
48-50 % Cobre
- **Pó “Caffaro”** concentrado, 40 % Cobre
- **Pó “Caffaro”**, 16 % Cobre
- **Pasta “Caffaro”**
- **Cupro-Zin** (à base de Oxidoreto de Cobre
e Zineb Técnico)
- **Oxidoreto de Cobre** 50 %

A longa experiência da «CAFFARO»
é uma garantia da qualidade
e excelência dos seus produtos.

Outros Produtos “CAFFARO”

- **Aldrene** granulado
- **Ziramit**
- **Ultrazolfo** (enxofre micronizado)
- **Adubos compostos**
- Terras descorantes para azeites e óleos:
Prolit “Pn” e **Prolit “Rapid”**

2925

Agente:

Emanuele Barabino

Rua da Prata, 93-2.º—Esq.
LISBOA - 2 — Telef. 369965

SUMÁRIO

Jornadas cerealíferas e leiteiras	481
O que foi a «Semana Florestal» — Prof. C. M. Baeta Neves	482
A plantação de pomares é uma promessa de melhores condições de vida para a lavoura — Eng. Silvicultor Joaquim Abrantes Zenhas	485
A Cooperação na Agricultura — Eng. Agrónomo Waldemar Carneiro da Silva	488
Videiras porta-enxertos — Eng. Agrónomo Alfredo Baptista	492
Conclusões Gerais das Jornadas Cerealíferas e Leiteiras	495
O envelhecimento dos vinhos — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	497
Os dias do progresso agrícola no Estado de Wisconsin — Eng. Agrónomo Miguel Eugénio G. de Melo e Mota	499
As podas em verde — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	502
Árvores «Fósseis» — Eng. Silvicultor Orlando de Azevedo	504
Trabalhos em Julho	506
Caça e Pesca — Para quando o Rio Minho? — Almeida Coquet	509
Algumas notas sobre o carro de bois — Fernando Galhano	511
Secção Feminina	514
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Patologia Vegetal e Entomologia	516
— Medicina Veterinária	517
— Direito Rural	518
— Bibliografia	519
Informações	520

A NOSSA CAPA



Rio Douro — Ponte da Arrábida

Melhoramento de real valia, inaugurado por sua Ex.ª o Sr. Presidente da República, almirante Américo Deus Rodrigues Tomás, a 22 de Junho passado

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

Jornadas cerealíferas e leiteiras

REUNIU a lavoura nacional para discutir os importantes problemas cerealíferos e leiteiros. E no momento em que se juntou, deu, de novo ao país a noção do seu desejo de trabalho em conjunto, que é força e valor.

O tempo das acções desgarradas, cada um chorando apenas os seus males, deu lugar à unidade, em que os males de cada um e os alheios são postos no mesmo nível, que marca uma dimensão e um espírito de equipa.

De apontar o interesse não só nos valores materiais, mas ainda numa maior justiça social, garantia de nova equidade e de mais largas energias produtivas, de que as nações se encontram sempre tão necessitadas por mais evoluídas que sejam.

Os valores humanos, são os primeiros valores e na medida que se dilatam, arrastam consigo uma criadora hipertrofia dos factores económicos.

Se o homem necessita sobreviver e as condições económicas lho permitem, necessita, antes de mais, ser homem, e só o é quando se realiza verdadeiramente como elemento moral e factor de relação.

Ao pensarmos em construir uma justiça social cada vez mais realidade, servimos a reconstrução do homem — desse homem que nós próprios somos e que na mesma medida indirectamente servimos.



O que foi a "Semana Florestal"

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Eng. Silvicultor

PERANTE a acuidade do problema da falta de frequência do Curso de Engenheiro Silvicultor, problema já várias vezes apresentado por mim nas páginas desta revista, os alunos do mesmo curso, reunidos num «Grupo de Estudo Florestal», resolveram tomar a iniciativa de dedicar uma semana à discussão dos diversos assuntos profissionais de maior interesse no momento.

Organizado o programa, obtida a indispensável colaboração de muitas pessoas e entidades oficiais e particulares, no passado dia 9 de Junho, na sala da Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia, teve lugar a sessão solene de abertura, à qual presidiu o Reitor da Universidade Técnica de Lisboa e esteve presente o Secretário de Estado da Agricultura.

Coube-me a tarefa ingrata de fazer o discurso inaugural, a que dei o título «O que Portugal deve e pede à Engenharia Florestal»; no mesmo dia, à tarde, o Sr. Presidente da República, ao abrir a Feira Internacional de Lisboa, visitou nesta o Pavilhão da «Actividade Florestal», cuja organização foi também englobada no programa da Semana.

Desta última faziam parte conferências, a realizar nos dias 10, 11, 12, 13, 14 e 15 no «auditorium» da Fundação Calouste Gulbenkian, colóquios, reunidos nos mesmos dias na Sala de Conferências da Associação Industrial Portuguesa, excursões técnicas, a 12, 14 e 15, uma

exposição bibliográfica e documental, patente ao público no edifício dessa Associação Industrial, e a exibição de filmes florestais na sala de projecções da própria Feira. E por fim a Semana foi encerrada com um almoço de confraternização no Restaurante «Folclore», no dia 16.

* * *

As conferências versaram sobre assuntos variados; o Engenheiro Silvicultor Pereira Machado tratou de «Povoamentos produtores de semente de elevado valor somático»; eu, por minha vez, abordei o tema «A protecção florestal e os interesses nacionais que defende»; o Prof. Vieira Natividade falou sobre «A nova silvicultura mediterrânea»; o Engenheiro Silvicultor Silva Carvalho definiu «Posições e tendências em química florestal»; o Prof. Azevedo Gomes (Filho) abordou «O ensino florestal» e finalmente o Prof. Seabra, rematou com uma apreciação sobre «A valorização da madeira através de novas técnicas e novas indústrias».

Todas estas conferências, abarcando um vasto campo de actividades profissionais, foram seguidas de animada discussão, prolongando-se com uma viva troca de impressões para melhor esclarecimento do público.

Os colóquios foram organizados sobre diferentes assuntos de maior interesse,

e entregues a orientadores que procuraram tirar da oportunidade de discussão o melhor partido.

Estando presente todas as pessoas ligadas às actividades florestais que previamente se inscreveram, essas discussões permitiram que fossem expandidos todos os pontos de vista sobre os problemas apresentados.

A sua utilidade foi manifesta, na medida em que proporcionou um contacto, que se torna cada vez mais necessário, entre todos que estão ligados, directa ou indirectamente, pela técnica, pelo comércio, pela indústria ou pela silvicultura, à floresta.

O primeiro colóquio foi orientado pelo Engenheiro Silvicultor Feliz Rodrigues e versou sobre «*Arborização da propriedade particular*»; o segundo, orientado pelo Engenheiro Silvicultor Brito dos Santos, tratou de «*Montados de sobre e cortiça*»; o terceiro, a cargo do Engenheiro Silvicultor Carneiro, foi dedicado aos «*Pinhais e resinas*» e os últimos, sob a designação comum de «*Aplicação industrial do lenho*», foram dirigidos em conjunto pelos Engenheiros Silvicultores Firmino da Costa e Ferreirinha.

O sucesso obtido foi evidente, na medida em que, colocando frente a frente todos os interessados nos assuntos postos à discussão, facilitou uma conclusão sobre o estado actual dos conhecimentos, interesses e posições de todos os presentes em relação aos problemas analisados.

As excursões já não correram tão bem, com excepção de uma, por falta de afluência, chegando mesmo a não se realizar uma delas.

A primeira foi dedicada à *Tecnologia do lenho*; de manhã foi visitada a «Secção de Madeiras» do Laboratório de Engenharia Civil; a exposição feita pelo seu chefe, Engenheiro Civil Mateus, e pelos Engenheiros Silvicultores Barreiros dos Reis e Sampaio Franco, que ali trabalham, e a observação do material e documentos expostos, proporcionaram a todos que tomaram parte nessa visita uma rara oportunidade de apreciar a notável actividade daquela Secção e dos dois últimos técnicos que têm trabalhado em tão afamado Instituto de investigação científica.

De tarde, ainda sobre a orientação do Prof. Seabra, foram visitadas as instalações de serração e oficinas várias da CIMA, em Alhandra, onde todos tiveram oportunidade para apreciar os aspectos particulares da Tecnologia do lenho ali existente.

No dia 14, teve lugar a excursão dedicada às «*Culturas e exploração do montado de sobre e de choupal industrial*», acompanhada pelo Prof. Vieira Natividade, tendo sido visitada a «Herdade dos Leitões» do agricultor Lopes Fernandes, de Montargil, onde foram focados os notáveis aspectos da Silvicultura local e foi servido um pantagruélico almoço.

No dia seguinte, deveria ser realizada a excursão à Mata de Leiria e às obras de correcção torrencial da Bacia do Liz, mas por falta de inscrições efectivas não chegou a partir.

Pretendeu-se com tais visitas completar a discussão dos temas apresentados nas conferências e colóquios com o indispensável contacto com algumas das realidades dos variados problemas do campo.

Na exposição bibliográfica e documental estiveram patentes ao público obras florestais, desde as mais antigas às mais modernas, e alguns mapas e gráficos relacionados com a situação actual da arborização do País.

Os filmes foram escolhidos entre vários da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e das embaixadas de alguns países; com a sua passagem na sala de projecção da Feira tentou-se mais esse meio de chamar a atenção do público para o interesse da actividade florestal.

E por fim o Pavilhão concretiza, com fotografias e gráficos alguns aspectos mais característicos e importantes dessa actividade, mostrando aos muitos que a têm visitado não só o seu interesse, mas também o seu valor, em relação aos superiores interesses da Economia Nacional.

Com a representação gráfica da variação da frequência do curso de Engenheiro Silvicultor, ali reproduzida num painel, pretendeu-se realçar a delicadeza da situação actual, como consequência

da diminuição progressiva de formaturas, cujo número no actual ano lectivo não deveria ir além de 2?!...

O almoço de encerramento permitiu mais uma vez a reunião de grande número daqueles que tomaram parte mais activa na semana, e proporcionou-lhes uma ementa quase só constituída por produtos florestais: canja de perdiz (de conserva), açorda de sável, gamo assado ou ensopado de gamo, queijo de ovelha, doce de pinhão e aguardente de medronho com o café.

Completo-se desta maneira a panorâmica do campo de actividade profissional, oferecendo os produtos da Caça e da Pesca, cuja orientação cabe aos Engenheiros Silvicultores.

* * *

O objectivo principal, ou seja chamar a atenção do público para a importância nacional dos problemas florestais e para a necessidade imperiosa de aumentar a frequência do Curso de Engenheiro Silvicultor, foi total e perfeitamente atingido.

Graças à preciosa colaboração da Imprensa diária, Rádio e Televisão, foi possível fazer uma larga divulgação do que se ia passando na «Semana», e manter assim o País ao corrente da actividade que a acompanhou.

O serviço prestado à «Causa florestal» pelos alunos de Silvicultura do Instituto Superior de Agronomia foi invulgarmente notável, dados os indícios já existentes de que começa a haver de parte das entidades oficiais competentes não só mais consciência das realidades, mas também maior empenho em dar resposta favorável aos apelos que insistentemente lhes têm sido dirigidos.

Por minha parte regozijo-me por verificar que o meu entusiasmo pela profissão e a insistente campanha que tenho vindo a fazer a favor de um aumento de frequência do curso de Engenheiro Silvicultor tiveram algum êco, mas regozijo-me mais ainda por ver assim iniciada uma nova fase para a actividade profissional dos técnicos florestais.

Ficou assim bem marcado o desejo dos novos, e de muitos outros, de que a acção dos Engenheiros Silvicultores se generalize a todo o País, incluindo o Ultramar, de molde a poderem ocupar o lugar que lhes compete na Administração, Fomento e Indústria nacionais.

Mas para tanto é indispensável que à Semana se sucedam as indispensáveis reformas, entre as quais, as principais, são a do Ensino Superior e da Investigação Florestais, sem o que será difícil vir a atingir tal objectivo.

O passo dado pelo «Grupo de Estudo Florestal», foi uma contribuição de excepcional interesse para se passar a essa nova fase da Engenharia Florestal no nosso país, fase em que esta última, actualizada nos seus moldes de acção, e ampliada nas suas possibilidades, venha a poder corresponder às responsabilidades consequentes da sua importância fundamental para o futuro e progresso da Nação.

E por último há que distinguir, com um apreço muito especial e justo, os alunos estagiários Marques Pinto e Alves que se abalançaram a levar a cabo, com ajuda dos seus colegas, uma tão difícil tarefa; e bem assim a Fundação Calouste Gulbenkian que entre todas que a subsidiaram (D. G. dos Serviços Florestais e Aquícolas, Corporação da Lavoura, Corporação do Comércio, Corporação da Indústria, Grémio de Exportadores de Madeiras e Companhia Portuguesa de Celulose) se distinguiu, tornando-a possível.

A alto patrocínio que lhe foi concedido pelas mais representativas autoridades do Governo e das instituições oficiais e particulares ligadas, directa ou indirectamente, à floresta, nomeadamente a Reitoria da Universidade Técnica, a Direcção do Instituto Superior de Agronomia e a Feira Internacional de Lisboa, merece uma citação especial pelo muito que contribuíram para o êxito da iniciativa.

E não serão só os Alunos do Curso de Engenheiro Silvicultor que têm razão para lhes estarem gratos, são todos quantos julgam que defendendo a floresta estão defendendo o melhor e mais próspero futuro da Nação.

A plantação de pomares é uma promessa de melhores condições de vida para a lavoura

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS
Eng. Silvicultor

SÃO muitas as opiniões, dadas à discussão, sobre os empreendimentos a tentar para melhorar o actual nível de vida da lavoura. Optam uns pela introdução de culturas novas, defendem outros a continuidade da exploração dos cultivos tradicionais.

Trata-se de duas posições extremas, muito discutíveis, que a meu ver não devem ser partilhadas pela lavoura, pois se os cultivos tradicionais só têm acarretado prejuízos, a introdução de culturas novas não deve ser preconizada, sem que se disponha de bases, bastantes e seguras, que afirmem os seus bons resultados económicos.

Eu acho que o problema não está nas culturas, em si, mas antes na forma desordenada com que são empreendidas e na deficiência de meios técnicos, em que se apoia a sua exploração.

Do milho e da batata, por exemplo, sabe-se que não têm dado lucros. Mas sabe-se também que com boas sementes, seleccionadas e certificadas, adubações racionais e amanhos cuidados do solo, a par de tratamentos fitossanitários adequados e oportunos, é possível elevar grandemente os actuais índices de produção.

Desta forma os preços de custo serão mais baixos e pode ser que então os seus preços de venda já sejam compensadores. Mas certa, em absoluto certa, é a possibilidade, já sobejamente demonstrada em inúmeros ensaios de campo, de se pode-

rem obter as mesmas, e até maiores, produções em menores áreas de terra.

Não convindo aumentar a média de produção global destes produtos, como forma de evitar possíveis crises de sobre-produção, também é perigosa, e por isso deve ser contrariada, a sua redução, pois acarretaria crises de carência, sempre difíceis de ser remediadas.

Manter as produções globais actuais de batata e de milho é, portanto, política que deve ser seguida. Mas reduzir as suas áreas de cultivo, aumentando os índices de produtividade, é o único caminho que se oferece à lavoura, capaz de lhe proporcionar melhor exploração das terras e possíveis resultados económicos mais compensadores.

Ficarão assim disponíveis tratos consideráveis de terreno, hoje ocupados com milho, nos quais podem e devem ser feitas outras culturas.

As terras melhores, com mais corpo e melhor exposição ao sol, podem assim ser dedicadas à fruticultura, ao que penso com grande vantagem, pois a fruta tem venda assegurada a preços remuneradores, e o cultivo de fruteiras é já tradicional entre nós.

Não são, porém, de aconselhar os métodos de cultivo frutícola que têm vindo a ser seguidos, nem a plantação de mais pomares nos moldes da maioria dos que já possuímos.

Muitos lavradores, e até alguns técni-

cos agrícolas, mostram-se receosos de fracassos, inerentes a um incremento da nossa fruticultura, por julgarem haver falta de mercados onde vender maiores volumes de fruta que os presentemente produzidos.

Um pouco de reflexão mostra, porém, que são infundados os seus receios e leva-nos ainda à conclusão de que já temos mercados, mas que nos falta fruta para os abastecer. Não falando no mercado externo, onde temos possibilidades de vir a marcar posição, o mercado interno oferece-nos grandes possibilidades de venda de fruta, dado o seu precário abastecimento actual e a diminuta percentagem em que este alimento entra nas dietas alimentares da nossa população.

De facto grande número de pessoas não come ainda habitualmente fruta, e muitas outras só em quantidades muito pequenas a consomem, já porque são insuficientes as quantidades oferecidas para venda, já porque são demasiado altas as cotações atingidas. Confrange até, a triste realidade de haver estabelecimentos hospitalares e de ensino, onde, por questões de economia, não é usual dar fruta a todas as refeições, reservando alguns a apresentação deste alimento na mesa só para certos dias da semana.

Depreende-se daqui que o mercado interno, por estar longe da saturação, tem capacidade para absorver grandes quantidades de fruta.

Tudo está, para que a fruta a oferecer para venda seja absorvida pelo consumo, que se apresente com boas características organolepticas e de aspecto, provenha de variedades frutícolas criteriosamente seleccionadas e seja vendida a preços acessíveis à bolsa dos consumidores, que forçosamente terão que ser mais baixos que os praticados no presente.

Os preços de venda, actuais, da fruta são demasiado altos. Por outro lado, porque muitos dos frutos vendidos são imperfeitos, bichados ou com podridões, há grandes desperdícios, o que mais onera a fruta que na realidade se come.

Por esta razão basta que a fruta apresentada para venda seja sã e bem conformada, para que, embora vendida aos

mesmos preços unitários, se torne mais barata.

Mau grado as altas cotações atingidas no consumo, na generalidade dos casos, a fruta, mesmo assim, ainda não compensa, como seria de desejar e era necessário, a produção. Este facto, no entanto, deve-se a vários vícios e deficiências das técnicas seguidas na exploração dos pomares, e à diminuta, quando não até nula, assistência fitossanitária dispensada às fruteiras.

As produções são assim aleatórias e pequenas, o que se traduz em custos de produção elevados. As más condições em que se realiza o comércio da fruta, acarreta ainda preços de compra baixos na produção e preços de venda elevados no consumo. Os dois extremos da cadeia, produção e consumo, são desta forma altamente lesados nos seus interesses, em benefício de uma longa série de intermediários.

Nestas condições, evidentemente que não é lisongeira a exploração de pomares, motivo porque muitos se mostram receosos.

Julgo, no entanto, que o problema tem solução, razão porque defendo a intensificação do plantio de pomares, à uma porque é possível tirar bons resultados da terra povoada com fruteiras, à outra porque é necessário abastecer convenientemente a nossa população em fruta.

A fruticultura não é actividade difícil, nem a venda de fruta oferece dificuldades impossíveis de vencer. Contudo, para que a produção e a venda se processem em boas condições, de maneira a que o fruticultor tire partido dos pomares e os consumidores possam comprar fruta de boa qualidade e a preços acessíveis, torna-se preciso modificar as condições de exploração das fruteiras e os processos de venda da fruta.

A orientação a dar à exploração dos pomares deve conduzir a maiores produções e a custos de produção mais baixos, além de que toda a fruta produzida deve ser de boa qualidade, isenta de defeitos, ataques de insectos e de doenças e obtida a partir de fruteiras pertencentes a variedades selectas, com boa aceitação, tanto no mercado interno, como nos mercados externos.

Estes quesitos só podem ser satisfeitos, com o apoio da técnica, em pomares bem estabelecidos, com uma só espécie, e duas ou no máximo três variedades, exploradas cuidadosamente, tendo-se na devida conta os diferentes trabalhos do seu granjeio, podas, adubações, mobilizações do solo, regas, monda dos frutos, tratamentos fitossanitários e colheita da fruta.

Nem o estabelecimento dos pomares, nem o seu granjeio podem, por isso, ser feitos de qualquer forma, ao sabor do tempo e ao gosto de cada um, como meio de evitar possíveis fracassos, como tantos que se têm verificado.

Os pomares a estabelecer, para serem rendosos e atingirem as finalidades desejadas, devem enquadrar-se em moldes modernos, aconselhados pela técnica e ser explorados com a orientação de técnicos agrícolas especializados em fruticultura.

Os fracassos acumulados pela lavoura são já bastantes, para que se habitue a desconfiar dos seus métodos e a ter confiança na técnica.

Com esta orientação, que os técnicos não se cansam de preconizar, há todas as possibilidades de aumentar as produções dos pomares e diminuir os custos de produção, obtendo-se ainda fruta de qualidade, ao gosto dos consumidores.

Todavia, o resultado das explorações pomareiras não depende só das suas produções, pois que é grandemente influenciado pelos preços de venda da fruta. O pomar só é, por isso, rendoso, se as produções forem boas e se a fruta for vendida a preços compensadores.

Este último quesito já não pode ser facilmente satisfeito pelo fruticultor isolado, visto que a sua produção é limitada em relação à capacidade do mercado, o que implica a necessidade de ter que trabalhar com intermediários e comerciantes.

Esta dificuldade pode ser vencida, com vantagem para a produção e para os consumidores, com a associação dos fruticultores em sociedades cooperativas, o que permitirá a venda directa da fruta no mercado, com dispensa da cadeia de intermediários que hoje o domina. Desta forma

é possível vender a fruta a preços mais acessíveis, que, no entanto, serão também mais compensadores para o fruticultor, por não serem tão onerosas as operações comerciais a que a fruta fica sujeita.

As cooperativas de fruticultores, tendo armazéns, centros de escolha e embalagem, oferecem, portanto, estas vantagens:

1.º — Permitem o armazenamento da fruta nas épocas de maior produção, para ulteriormente a lançar no mercado e evitar assim o aviltamento dos preços.

2.º — A fruta é previamente escolhida, por processos mecânicos, e embalada, pelo que é apresentada no mercado em boas condições de apresentação.

3.º — Os frutos defeituosos, sendo assim concentrados, são aproveitados em unidades industriais, propriedade das cooperativas, evitando-se o seu desperdício, ou a sua venda a baixos preços, que afectam sempre o valor da venda da fruta de qualidade.

Além destas vantagens, meramente comerciais, as cooperativas de fruticultores podem também orientar tecnicamente a exploração dos pomares dos seus associados, contratando para o seu serviço conjunto engenheiros agrónomos, regentes agrícolas, podadores e capatazes fitossanitários.

Com pomares bem orientados e com organização comercial eficiente, a fruticultura nacional, à semelhança do que se passa noutros países, pode vir a ser, e sê-lo-á com toda a certeza, uma actividade agrícola altamente rendosa e de grande interesse.

Sendo assim, porque devemos continuar agarrados a métodos arcaicos da exploração de fruteiras? Porque não seguimos antes métodos modernos de fruticultura, à semelhança do que se tem feito, por exemplo, na França e na Itália.

É tempo de abandonar a rotina.

É tempo, e há necessidade, de trabalhar na lavoura, em condições tecnicamente aceitáveis e na certeza de ganhos.

A COOPERAÇÃO NA AGRICULTURA

Associações Mútuas de Seguro de Gado

Por WALDEMAR CARNEIRO DA SILVA
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2497 pág. 469)

4—Diferentes modos de funcionamento quanto à obtenção de receitas e pagamento de despesas

É sabido que nenhuma organização deste género poderá vingar, se não definir previamente qual o sistema a adoptar na cobrança de fundos junto dos sócios, e não assentar em bases certas quanto às indemnizações que os mesmos sócios virão a receber pelos sinistros a que os seus gados estão sujeitos.

Apresentaram-se anteriormente alguns aspectos que revestem a formação, a organização e o funcionamento das Mútuas de Seguro de Gado. Todos os pontos focados parecem de grande interesse para um conhecimento exacto desta matéria. No entanto, este que vamos analisar tem ares de primazia, precisamente porque trata os diferentes processos que se podem esquematizar e seguir para arranjar os fundos que, ulteriormente, farão face às despesas ou gastos correntes da associação.

Com efeito, sempre que se pensa em fundar uma Mútua de Seguro de Gado, não se dá tanta importância à maneira como se lavra o título de constituição da mesma perante o notário público, ou à forma como haverão de funcionar as eleições para os lugares dos corpos gerentes, como se dá ao momentoso problema das taxas de inscrição de animais, das operações de seguro de gado, da sequência das cobranças, das indemnizações, etc..

As Mútuas fundam-se e organizam-se para dividir os prejuízos de alguns lavradores por todos os que aderirem às mesmas, num espírito de ajuda e colaboração voluntária. É, naturalmente, a maneira de proceder a uma divisão justa dos prejuízos e despesas que provoca os debates mais acesos entre os lavradores aderentes. Por este motivo é que julgo este aspecto, o das contas, da maior importância, dentro do esquema da exposição que no último artigo se apresentou.

* * *

Quaisquer que sejam as variantes seguidas por estas associações, quanto a taxas de seguro de gado, quanto à variação destas de acordo com as raças, sexos e idade, quanto a cobranças, etc., todas elas admitem uma classificação de *receitas e despesas*, com as rubricas a seguir mencionadas:

<i>Receitas</i>	<i>Despesas</i>
a) Jóias	a) Indemnizações
b) Quotas	b) Assistência Veterinária
c) Rateios	c) Farmácia
d) Salvados	d) Transportes
e) Ofertas	e) Despesas de Administração
f) Diversos	

É fácil de admitir que esta classificação é lógica e natural, podendo ter aceitação em qualquer tipo de mútua, por mais desenvolvida que mantenha a sua escrita.

Efectivamente, todo e qualquer sócio deve pagar à sociedade a jóia de entrada, as quotas que lhe cabem e os rateios que

a Direcção emite como necessários. Por outro lado, não repugna aceitar que a organização tem de se desfazer das partes aproveitáveis (salvados) dos animais cobertos pelo seguro, quer tenham morrido ou sido abatidos, podendo também receber de estranhos o que lhe ofereçam a título de ajuda ou de subsídio de ocasião.

Entrando no capítulo das despesas também se admite que as mútuas vivem para prestar assistência veterinária e pagar indemnizações pelos sinistros; que por vezes, é necessário recorrer à farmácia; que é preciso utilizar transportes de natureza vária; e que, finalmente, a vida administrativa da associação exige gastos com transportes, impressos, correios e telefones, despesas a que se dá o nome de *despesas de administração*.

Conhecido este plano de classificação mais corrente das receitas e das despesas, torna-se indispensável ver as particularidades que revestem algumas rubricas enumeradas, conforme a região em que funcionam as associações.

Vejamos, nomeadamente, o que se passa em relação às rubricas: *Jóias, Quotas, Rateios e Indemnizações*. São estas as que mais variantes e formas de aplicação apresentam na prática.

Jóias — Em geral consideram-se dois casos:

- 1) Jóia de admissão de associado na mútua
- 2) Jóia de inscrição dos animais.

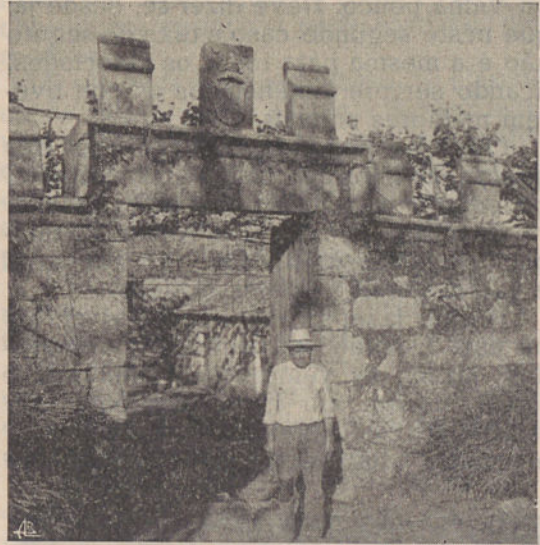
Esta última jóia também se chama taxa de inscrição, talvez porque se paga sempre que se inscreve gado na associação. A jóia de admissão apenas se paga quando o lavrador entra como associado, para a mútua.

Um e outro tipo de jóia são muito variáveis em valor, de mútua para mútua; há até algumas sociedades que têm um só tipo de jóia e outras (muito raras), não têm jóia de qualquer espécie.

Convém ainda acentuar que a jóia de admissão de sócio ou de inscrição dos animais nunca mais pode ser levantada da tesouraria da mútua. O associado, uma vez que as pagou, nunca mais poderá receber essa quantia.

Existem associações em que os sócios não pagam jóia de entrada, nem taxa de

inscrição dos seus gados; pagam, porém, uma caução por cada rês, como garantia das suas obrigações em relação à sociedade, em caso de rateios das despesas que a mesma tiver de efectuar. Neste caso, a caução referente a cada animal,



Um humilde caseiro, que sabe gerir os negócios de tão espinhosa empresa como é a Mútua de Nespereira — Guimarães

é entregue ao associado logo que deles vá dando baixa no seguro.

A jóia de inscrição de gado é, habitualmente, uma certa importância, sempre a mesma, qualquer que seja a raça o sexo e idade considerados. Apesar de tudo, aparecem casos de associações em que a taxa de inscrição é proporcional ao valor do gado a segurar.

Quotas — Dá-se o nome de quota ao contributo periódico de cada associado, a favor da mútua, independentemente dos sinistros ou gastos gerais que houver.

Quanto à variação do valor das quotas e à frequência de pagamento das mesmas, distinguem-se dois tipos principais, conforme o esquema a seguir.

Tipos de quotas	{	por capital ou	}	anuais
		valor do gado		semestrais
	{	segurado	}	trimestrais
		por número de		mensais
		cabeças		

Por aqui se vê que, *no respeitante a valores*, existem dois tipos fundamentais; num deles, a quota varia de acordo com o valor dos animais por aplicação de uma taxa combinada, taxa variável ou não com o sexo e a raça; no outro a quota é a mesma por cada cabeça, valha muito ou valha pouco. Deve dizer-se, desde já, que neste segundo caso a taxa de seguro não é a mesma para todos os associados, ficando sempre beneficiados os que tiverem melhores animais.

Quanto à *frequência da cobrança das quotas*, já vimos que pode variar bastante, podendo ir de uma a doze vezes ao ano.

Rateios — Chamam-se *rateios* ou também *derrames* às divisões dos prejuízos e gastos gerais pelos associados.

Podem fazer-se com períodos certos ou não. Quando se efectuam com períodos certos, os valores dos prejuízos a ratear podem ser muito diferentes, de rateio para rateio. Quando não obedecem a período estabelecido, fazem-se sempre

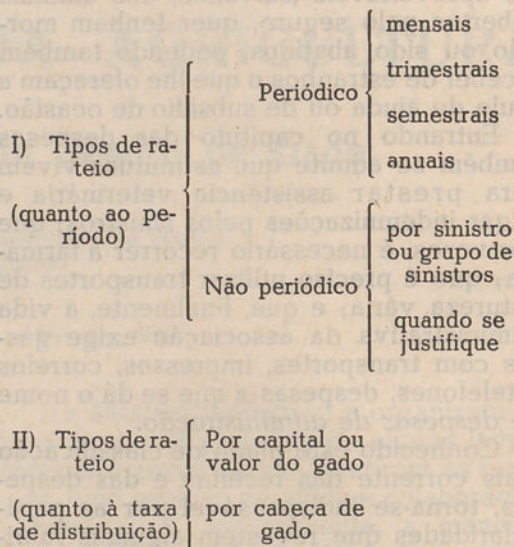


Atribuição de prémios às vacas turinas
—Visela — Guimarães

que haja um sinistro ou grupo de sinistros que justifique o trabalho de estar a dividir.

Em qualquer dos casos, isto é, com período determinado ou com período variável, o rateio pode ser feito, por capital

do gado seguro ou por cabeça, tal como se viu ao tratar o problema das quotas. É o que se apresenta esquematicamente:



Indemnizações — Por via de regra as Mútuas não recorrem nem devem recorrer a empréstimos para pagar os sinistros que ocorrem.

Se há dinheiro em caixa, procede-se à sua distribuição pelos segurados com direito a receber; quando os fundos existentes não chegam tem de se proceder a uma cobrança para esse efeito.

Por aqui se vê que, quando o segurado paga em *regime de cobrança de quotas*, as indemnizações podem ser pagas muito mais rapidamente, porque quase sempre há fundos arrecadados; se o sistema de acumulação de receitas consiste no *rateio das despesas efectuadas*, os sócios só muito mais tarde poderão ser indemnizados dos prejuízos que tiveram com seus gados.

Embora este problema pareça de pouca importância, o que é certo é que, quanto mais rapidamente o sócio for reembolsado do que houver de receber, tanto melhor poderá correr a vida da mútua no que se refere à aceitação junto dos lavradores aderentes.

Efectivamente as organizações impõem-se pela eficiência e este aspecto da eficiência nos pagamentos é o melhor reclame e atractivo que a mútua pode arranjar.

Acabamos de ver o que se refere ao tempo que vai desde a data dos sinistros até ao pagamento das indemnizações a que deram lugar. É importante salientar que, também nos cálculos destas últimas existem diferentes critérios que muito distinguem as mútuas umas das outras.

Há classes de sinistros que nem sequer estão cobertos por algumas sociedades. Estão neste caso os abortos, muito frequentes em vacas que, por força das circunstâncias, são obrigadas a trabalhar mesmo em adiantado estado de gestação.

Quando as associações cobrem os riscos mais frequentes, tais como: morte, perna partida, aleijão e aborto, então já podem aparecer certas divergências. Em geral os casos de aleijão e perna partida são motivo de uma avaliação imediata ao prejuízo; o aborto tem quase sempre uma indemnização certa, independentemente do animal (dentro de cada raça). Se o sinistro foi de morte, por acidente ou motivado por doença, então os critérios das indemnizações variam bastante de sociedade para sociedade embora estas tenham o mesmo sistema de cobrança de fundos.

Habitualmente a indemnização que o sócio recebe, no último caso, não corresponde ao valor pelo qual o animal estava segurado; quase todas as mútuas pagam só 90% ou 95% do valor da última avaliação, evitando que os sócios se descuidem no tratamento que dispensam ao seu gado.

Quando os animais não estão avaliados, são avaliados *post mortem* e é por esse valor que o segurado irá receber a indemnização.

Os critérios são muito variáveis quer haja ou não avaliações anteriores à morte, e ainda quando se trate de sistemas de cobrança por quotas ou por rateios. A variação seguida, a ser exemplificada, roubar-nos-ia grande parte do tempo e espaço de que se dispõe para tratar estes temas.

* *

Pelo que acima ficou referido quanto às rubricas essenciais e atendendo a que se podem imaginar mútuas a funcionar (e algumas funcionam) com uma variante de cada rubrica estudada, torna-se quase

impossível apontar uma classificação que abranja todos os tipos; não me parece tarefa muito fácil.

Há no entanto uma base de separação que permite juntá-las em dois grupos — *a forma como é feita a cobrança dos prémios de seguro: por quotas ou por rateio*, ou seja, a maneira como as mútuas conseguem arranjar a parte essencial das receitas.

E tão notável é esta base de classificação que, quando se tenta fundar mais uma sociedade ou se fala aos lavradores duma delas no nome de outras que já existem, aparece sempre uma pergunta, a bem dizer, sistemática: «...mas..., é por rateio ou paga-se quotas?»

Não se fique com a ideia de que um regime não permite a existência do outro; tal não acontece. O sistema «*por quotas*» admite rateio quando necessário, o processo «*de rateio*» também admite umas quotas quase simbólicas que se pagam quando os mesmos são periódicos.

Há casos em que se trabalha «por quotas» nos quais se interrompe esta cobrança sempre que houver necessidade de lançar um rateio, e o mesmo não for totalmente recebido.

A variedade é grande, mesmo assustadora. Embora fosse vantajoso para o técnico que lhes presta assistência lidar só com um tipo de sistema de funcionamento, a grande lição que a vida prática nos dá é que tal facto é também praticamente inviável. Diz o rifão que «*cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso*».

Há que aceitar uma diferença de mentalidade dos lavradores das várias regiões e, portanto, formas diferentes de aceitar os princípios que procuramos apontar como mais adequados a estas organizações.

Em boa verdade se deve dizer que o sistema de cobrança *por quotas e por capital de gado* metido no seguro se apresenta como o mais justo e portanto será o melhor. Tem também algumas desvantagens em seu desabono.

Na próxima ocasião, poder-se-á ver, ao estudar outros pontos deste trabalho, onde estão as desvantagens a que me quero referir.

(Continua)

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA

Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2497 pág. 462)

Ar. × Rup. n.º 9

Aramon × Rupestris Ganzin n.º 9

DE GANZIN

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: acobreado, tearaneos na nervura principal mediana e glabres-



Ar. × Rup. n.º 9

cente nas restantes nervuras das folhinhas.

Estímulas: com cerca de 6 mm de comprimento.

Entrenós: avermelhados do lado da luz; tearaneos nos entrenós superiores e glabrescentes nos inferiores; costado-estriados, mais nitidamente nos entrenós superiores.

FOLHAS NOVAS

Coloração: acobreadas, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente verdes, com as nervuras geralmente avermelhadas na página superior, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: frequentemente trilobadas ou, por vezes, sub-trilobadas.

Recorte marginal: lobos dentados, com os ápices não destacados do recorte marginal; dentes mais compridos do que largos nas folhas mais novas e mais largos do que compridos nas seguintes.

Aurículas: afastadas, formando seio peciolar em U ou em V.

Limbo: inicialmente empolado e depois com tendência a tornar-se liso ou sub-liso, com a página superior glabrescente ou ligeiramente tearanea e a inferior pubescente, salvo na nervura principal mediana que permanece tearanea.

Peciolo: avermelhado, tearaneo, pubescência esta em continuação da nervura principal mediana na página inferior das folhas.

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: geralmente pequenas ou, por vezes, medianas, quase tão largas como compridas, sub-orbitulares.

Recorte principal: frequentemente tri-

lobadas, com os seios bem pronunciados, por vezes sub-trilobadas ou, mais raramente, quinquelobadas; folhas da base do pânpano frequentemente trilobadas ou, mais raramente, quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos geralmente dentados, com os dentes mais largos do que compridos; lobos com os ápices não destacados do recorte marginal.

Mucrão: avermelhado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: geralmente pouco afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio-peciolar em U ou, por vezes, em V fechado.

Limbo: espesso, sub-liso ou ligeiramente empolado, sobretudo junto ao ponto peciolar, com a página superior verde ou verde-ligeiramente-clara, algo brilhante, glabra e a inferior mais clara, igualmente glabra, com escassos tufo de pêlos nas axilas nervais, mas glabrescente nas nervuras principais e secundárias; nervuras principais nitidamente avermelhadas na página superior.

Pecíolo: avermelhado, glabro ou glabrescente, com caneladura medianamente acentuada.

3 — Sarmentos

Castanho-pardacentos claros, nitidamente mais escuros (castanho-escuros ou castanho-vinosos) junto aos nós; entrenós de comprimento mediano ou compridos, de secção sub-elíptica ou sub-arredondada, frequentemente com uma face plana; costado-estriados e grossamente costados; lenticulas pequenas, aproximadas; gomos grossos.

4 — Flores

Fisiologicamente masculinas.

5 — Porte da planta

Sub-erecto.

93-5

Bourrisquou × Rupestris Martin 93-5

DE COUDERC

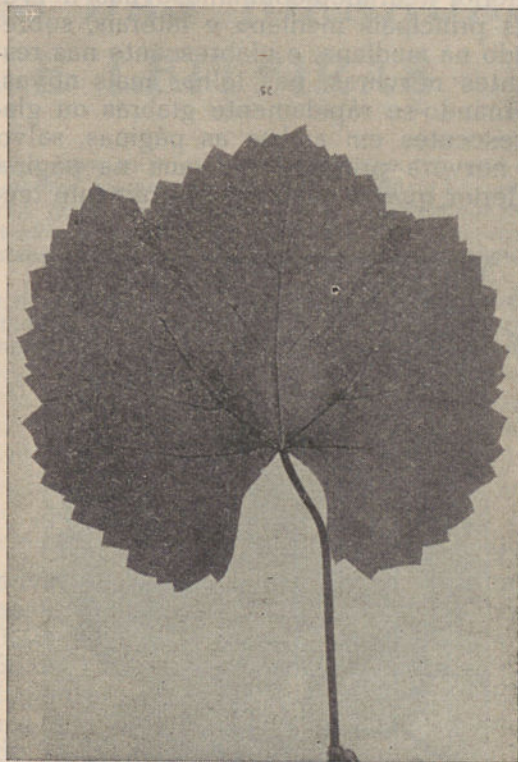
1 — Pânpanos

Abrolhamento: verde, com reflexos acobreados, cotanilhoso nas nervuras

principais mediana e laterais e ligeiramente tearaneas nas restantes nervuras das folhinhas.

Estímulas: com cerca de 6 mm de comprimento.

Entrenós: avermelhados do lado da luz; tearaneas-cotanilhosos nos entrenós



Ar. × Rup. n.º 9

superiores e ligeiramente tearaneas ou glabrescentes nos inferiores; costado-estriados, menos acentuadamente nos entrenós inferiores.

FOLHAS NOVAS

Coloração: verdes, com reflexos acobreados, nas folhas mais novas, tornando-se gradualmente verdes, com as nervuras avermelhadas na página superior e mais levemente na inferior, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: geralmente trilobadas.

Recorte marginal: lobos crenado-den-

tados, com os ápices um pouco destacados do recorte marginal.

Aurículas: pouco afastadas, de bordos internos sub-paralelos.

Limbo: geralmente empolado, com a página superior tearanea, sobretudo nas nervuras principais e secundárias, e a inferior tearaneo-cotanhosa nas nervuras principais mediana e laterais, sobretudo na mediana, e glabrescente nas restantes nervuras, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente glabras ou glabrescentes em ambas as páginas, salvo a nervura principal mediana na página inferior que se mantém ligeiramente tea-



93-5

anea ou tearanea, nas folhas mais velhas.

Peciolo: avermelhado, tearaneo-cotanhoso nas folhas mais novas e ligeiramente tearaneo nas mais velhas.

2—Folhas adultas

Dimensões e forma: geralmente pequenas, tão largas como compridas, orbiculares.

Recorte principal: trilobadas ou quinquelobadas, neste caso com os seios superiores geralmente mais pronunciados, ou, por vezes, sub-quinquelobadas; folhas da base do pâmpano frequentemente trilobadas ou, por vezes, quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos crenado-dentados, com os crenos e dentes quase



93-5

tão largos como compridos; o lobo superior com o ápice sub-acuminado.

Mucrão: acobreado, bem desenvolvido.

Aurículas: geralmente aproximadas ou pouco afastadas, formando seio peciolar em U mais ou menos fechado, por vezes unidas ou ligeiramente sobrepostas.

Limbo: espesso, empolado junto ao ponto peciolar, geralmente um pouco dobrado em goteira pela nervura principal mediana, com a página superior verde, algo brilhante, glabra e a inferior mais clara, igualmente glabra; nervuras principais geralmente avermelhadas em ambas as páginas, mais nitidamente na supe-

(Continua na pag. 519)

CONCLUSÕES GERAIS DAS JORNADAS CEREALÍFERAS E LEITEIRAS

Durante 3 dias toda a Lavoura portuguesa seguiu com interesse as Jornadas Cerealíferas e Leiteiras, promovidas pela Corporação da Lavoura.

Lavradores e técnicos, governantes e governados, cónscios das responsabilidades e da necessidade do trabalho conjunto, não pouparam esforços, com vista a processar-se uma evolução que a todos se afigura premente.

Certos do interesse dos nossos leitores por assunto de tão transcendente importância apresentamos as conclusões gerais destas jornadas, que certamente efectivaram mais um passo em frente para a solução do problema Agrário português.

1.a SECÇÃO

Cevada Dística

1.º—Deve o Governo determinar que o pagamento integral do cereal se efectue imediatamente após a sua recepção e que a F. N. P. T. se encarregue da comercialização dos lotes destacados da calibragem. Para tanto sugere-se que a F. N. P. T. instale nos Grémios da Lavoura, onde se justifique, laboratórios que lhe permitam determinar as características industriais dos lotes de cevada, seguindo um sistema semelhante ao usado pela C. R. C. de arroz no ano findo.

2.º—Deve procurar-se que seja concedida uma melhoria no preço da cevada dística, a fim de se fomentar a sua cultura e acabar com o desânimo que se começa a esboçar entre os produtores, permitindo-se que se atinja a total satisfação das necessidades da indústria nacional.

3.º—Que se estudem as possibilidades de exportação de sementes seleccionadas de cevada dística, dadas as excepcionais condições que possuímos para a sua produção e ainda a possibilidade de se vir a produzir um tipo de cevada dística destinado à exportação em natureza ou transformada em malte.

2.a SECÇÃO

Arroz

1.º—Assim, é necessário estabelecer novas tabelas com preço fomentador que nesta ocasião se supõe ser, como mínimo, 3\$05 o quilo, médio, e que remuneraria 86 por cento da produção de 1962, percentagem igual à média de 1951/56, período em que a área cultivada apenas passou de 34 000 para 39 000 ha e a produção de 140 000 para 160 000 t.. Isto é, deu-se um aumento normal.

2.º—Torna-se imprescindível que seja conhecida até 31 de Dezembro de cada ano a tabela que regula os preços de ano futuro.

3.º—O novo sistema de valorização do arroz pelo seu rendimento industrial é justo. No entanto, para eficácia e garantia do processo é necessário: a) que seja permitido à Lavoura entregar arroz com 16 por cento de humidade, mantendo-se o teor máximo de 14 por cento para a aplicação das tabelas de valorização; b) que seja aumentada, até total satisfação das necessidades do pequeno produtor, a capacidade de armazenagem e secagem da C. R. C. A.; c) que seja melhorada a determinação nos postos da C. R. C. A. para evitar as discrepâncias que se veri-

ficaram este ano; d) que estejam previstos alargamentos na percentagem de trincas em face de um ano anormal.

4.º—Onde não há possibilidade de fazer outra cultura além do arroz, reconhece-se como necessário e justo pagar um preço mais equitativo possível. Pedese, pois, para estes casos um sobrepreço através de subsídios à produção, da ordem de \$25/kg., estendido não só à região já subsidiada nos últimos anos, mas também a todos aqueles casos em que se verifiquem condições semelhantes.

5.º—Sem menosprezar a qualidade de semente nacional, sugere-se que seja concedida licença para importação de semente exótica a fim refrescar a nacional.

6.º—Por último, pede-se também a intensificação da investigação e experimentação orizícola, e, principalmente, que os resultados sejam dados a conhecer à lavoura.

7.º—Que ao ser entregue ao descasque, o arroz tenha um acréscimo de preço de \$10/kg. que reverterá para a constituição do fundo de abono de família do trabalhador rural e será pago, lógicamente pelo consumo.

3.ª SECÇÃO

Cevada e aveia

1.º—Estabelecer o preço mínimo de garantia de 2\$50/kg. para a cevada, e 2\$10/kg. para a aveia.

2.º—Que a efectivação desses preços seja garantida através da recepção obrigatória por parte da F. N. P. T., de qualquer quantidade que lhe for apresentada.

3.º—Que se estabeleçam preços para as carnes com base nos preços destes cereais e na política de fomento de todas as outras forragens.

4.ª SECÇÃO

Trigo

1.º—Que o preço do trigo seja modificado de acordo com uma das seguintes modalidades:

a) Subir o preço de base para

3\$30/kg., ficando os produtores com direito a um diferencial variável, resultante da divisão dos lucros da importação de trigo e farinha exóticos, e dos diferenciais de moagem pela média das entregas à F. N. T. P. nos 5 anos que antecedem a campanha em causa. Aceite esta hipótese, a lavoura considera necessário que seja igualmente o n.º 2 imediatamente abaixo e o preço da cevada acima proposto.

1.º—Elevação do preço do trigo para 3\$60/kg. ficando o produtor sem direito a qualquer subsídio. Na escolha definitiva da modalidade, o governo deverá ter em conta o evitar perigosos desvios de consumo dos pães de centeio e milho em beneficio do trigo.

2.º—O empréstimo da campanha do trigo deve ser extinto e os débitos actuais amortizados em 10 anos para os agricultores que deixarem de semear trigo em restolhos e em metade do tempo para os de perseverarem nesta prática pouco recomendável.

3.º—Que ao ser entregue à fábrica de moagem o trigo tenha um acréscimo de preço de \$10/kg, com incidência no preço do pão, que reverterá para a constituição do fundo de abono de família do trabalhador rural.

5.ª SECÇÃO

Milho

1.º—Que o preço mínimo garantido pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo, seja fixado em 2\$80/kg, quer para o milho grado quer miúdo.

2.º—Que sejam facilitados créditos aos produtores de milho.

6.ª SECÇÃO

Centeio

Estabelecimento do preço de 3\$00/kg. Como medidas que beneficiam, na generalidade, a lavoura foram propostas ainda as seguintes:

1.º—Que seja dada execução plena à lei n.º 2069, que prevê a arborização da propriedade particular, dotando-se os serviços florestais com os meios necessários, a fim de poderem ser desviadas

(Conclui na pág. 505)

O envelhecimento dos vinhos

NÃO REPRESENTA FÁCIL TAREFA

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Engenheiro Agrônomo

Os vinhos que se encontram nas adegas destinados ao envelhecimento, caminham através de uma evolução. Com o tempo afinam-se as qualidades, melhora-se o conjunto, resultando um todo harmonioso, que lhes dá notabilidade. É o caso dos grandes vinhos de marca.

O máximo de perfeição, o apogeu das suas qualidades é muito variável. Os vinhos vulgares, por mais cuidados que o homem lhes dispense, nunca atingem os pontos mais elevados. A sua idade é muito curta. Outros, porém, necessitam de um longo período, para que a curva representativa do seu envelhecimento alcance o ponto máximo. Daí por diante, começa a decrepitude, o declínio do conjunto aromático.

Para que um vinho se alcandore no máximo da sua plenitude, é imprescindível, que a matéria prima adquira na vinha, as características, os factores que se mantêm ocultos durante a juventude. Esse predomínio da qualidade não é mais do que o reflexo dos factores resultantes do meio ecológico em que a videira vive. Quando as técnicas são propícias ao seu despertar, aparecem lentamente os tais predicados, que imprimem harmonia, perfume, constituindo um verdadeiro atractivo, para quem reuna as faculdades de os poder apreciar devidamente.

Por conseguinte, esses princípios específicos, impregnados nas películas de

certas castas, desenvolvidos intrinsecamente nos bagos e difundidos nos sumos, que tornam os vinhos famosos, têm a sua origem no ambiente em que a videira vegeta. São nomeadamente, a exposição, o clima, as castas, os principais agentes responsáveis pela imposição das características que os elevam. E mais tarde, aguarde-se a intervenção judiciosa do homem para que seja bom aliado da natureza, e trabalhe essa dádiva com equilíbrio e prudência, de modo a fazer exaltar a plenitude de todos os princípios, que os hão-de considerar ainda a bebida de mesa por excelência, apesar da publicidade feita pelas bebidas de fantasia, a que a nossa juventude se vai mal habituando.

É fácil distinguir um vinho novo de um vinho velho. Aquele deixa transparecer a frescura do excesso da sua juventude. O aroma pronunciado, a casta, a fermentação, a curtimenta; nota-se o sabor áspero, adstringente. É um vinho que pesa, pois, tem excesso de corpo.

Mas, o vinho amadurece, está a evolucionar, e aquelas características específicas da tenra idade, perdem nitidez, desaparecem, sendo substituídas por uma certa macieza, por um aveludado, pela cor rúbi, pelo perfume especial, que lhe são impostos por uma série de reacções íntimas e complexas.

As fermentações malolácticas, as esterificações, as oxidações e as reduções,

que se desenrolam no meio, dão continuidade aos factores atrás referidos, ocultos, no líquido vivo. O seu despertar implica uma intervenção inteligente, racional.

A obtenção dos vinhos finos exige uma técnica apurada. São indispensáveis tratamentos delicados e caros, que só estão ao alcance dos enólogos competentes. Daí, como é natural, o preço elevado dos vinhos de marca, consideradas verdadeiras preciosidades.

A fermentação maloláctica, de que tanto se fala, é a transformação do ácido málico em ácido láctico e gás carbónico. É uma desacidificação biológica, efectuada por meio de bactérias úteis. Esta fermentação marca a primeira fase do envelhecimento, que deve ter lugar antes do engarrafamento. Para que essa actividade bacteriana se desenvolva no meio, convém que as condições sejam propícias à sua actuação. Os vinhos não devem ser demasiadamente ácidos. O vinho perde acidez essencialmente, devido às precipitações de bitartarato de potássio, quando se dá o arrefecimento, e ainda por causa das transformações do ácido málico, por razões de ordem química. O ácido málico tem duas funções ácidas, e como este elemento se transforma num outro ácido — o láctico, apenas com uma função ácida, eis o motivo essencial, porque diminui a acidez fixa. As bactérias malolácticas também são muito sensíveis ao sulfuroso. Por isso não convém utilizar doses muito elevadas deste antisséptico, antes desta transformação se realizar. Mas, o sulfuroso, protege o vinho, como se sabe, contra os desenvolvimentos bacterianos perniciosos. Portanto, convém utilizá-lo em doses equilibradas, depois de se ter cumprido a missão das bactérias lácticas. Modernamente, a fim de reduzir o emprego daquele antisséptico, encara-se a possibilidade de o substituir pelo ácido ascórbico ou vitamina C, principalmente, no momento de engarrafamento.

Com ensaios efectuados, conclui-se, que as trasfegas retardam estas fermentações benéficas, a que nos estamos a referir. Por isso, convém retardar a sua efectivação.

A temperatura é uma outra condição que tem influência na multiplicação des-

tes microorganismos úteis. As temperaturas baixas não favorecem o seu desenvolvimento. Geralmente, só na Primavera, surgem os primeiros indícios da sua manifestação.

O oxigénio do ar, que se desenvolve no vinho, e que penetra através das aduelas, origina oxidações formando sulfatos e aldeídos. Como estes elementos se opõem à finura do vinho, devem empregar-se todos os esforços no sentido de se diminuir a formação destas substâncias.

Os aromas desenvolvem-se intensamente, durante o período de envelhecimento. Desaparecem, como dissemos, o aroma próprio dos vinhos novos, o cheiro pronunciado a casta, a fruto, para se libertarem odores, que impressionam agradavelmente, e se sentirem sabores, que se vinculam na memória. A este conjunto de aromas e de sabores, chamam os franceses, «bouquet». Atribui-se este perfume característico ao aparecimento de álcoois, ácidos voláteis e estéreis formados pelos ácidos gordos superiores.

O bouquet surge no vinho engarrafado, num meio onde o oxigénio é muito reduzido, e apaga-se, quando o ar é abundante, o que sucede, logo que se procede à abertura de uma garrafa e se mantém destapada, durante um certo tempo.

Em face destas considerações, parece que o verdadeiro envelhecimento se passa num meio muito reduzido, sem oxigénio. Não são infundadas as razões ao aconselhar-se cuidado, no momento de engarrafamento, principalmente, no que diz respeito à utilização de boas rolhas de cortiça, de qualidade superior, com cabeça limpa, sem poros. Deve-se também recorrer ao emprego de um produto antioxidante, como o sulfuroso, em doses convenientes.

Jules Carles, professor francês, compara o bouquet do vinho ao perfume efémero de uma flor, cujo esplendor se prepara longamente no interior do cálice; assim é o vinho, que evoluciona lentamente nas adegas, onde o aroma delicado, desta «prestigiosa obra-prima, que os poetas podem cantar, mas o químico não saberá descrever: O bouquet de um vinho velho».

Os dias do progresso agrícola no Estado de Wisconsin

Por MIGUEL EUGÉNIO G. DE MELO E MOTA
Eng. Agrónomo

NO Estado do Wisconsin realiza-se todos os anos uma importante reunião sob o nome de «Dias do Progresso Agrícola», que podemos comparar a uma Feira Agrícola Nacional.

Os «Dias do Progresso Agrícola» de 1962 realizaram-se em Menomonie, na parte NW do Estado, durante os dias 8, 9 e 10 de Junho, sob o tema «Lacticínios e forragens». Não me foi possível estar presente no dia 8, mas no dia 9 saí de Madison, capital do Estado, de manhã cedo e percorri de automóvel os 350 Km que separam Madison de Menomonie, com o Dr. D. C. Smith, professor do Instituto de Agronomia da Universidade do Wisconsin, onde chefia o Departamento de Agricultura Geral.

A importância dos «Dias do Progresso Agrícola» pode avaliar-se pelo facto de reunirem cerca de 50 000 agricultores de todo o Estado do Wisconsin e de alguns Estados vizinhos. Algumas das cerimónias eram presididas pelo próprio Governador do Estado.

Os campos onde estas feiras se realizam ocupam umas largas dezenas de hectares e são preparados com grande antecedência. Normalmente, localizam-se numa herdade cujo proprietário recebe, por isso, uma quantia que o indemniza dos prejuízos causados por não cultivar a terra esse ano e pelo estado em que ela fica, que se reflecte, normalmente, ainda, pelo menos, durante dois anos.

Uma área considerável é destinada

aos pavilhões das empresas comerciais e das muitas entidades oficiais e particulares que se fazem representar. Não difere, essencialmente, do que vemos em Portugal numa boa feira agrícola, como, por exemplo, a do Ribatejo.

Dado o tema «lacticínios e forragens» e a natureza da agricultura no Wisconsin, onde predominam os lacticínios, abundava o equipamento que directamente se relaciona com esse ramo da agricultura. Entre as numerosíssimas peças de maquinaria agrícola presentes pude observar algumas que me eram pouco familiares, pela sua raridade em Portugal ou o seu tamanho, como colhedores de milho ou enormes charruas de numerosos ferros. Nunca tinha visto máquinas para recolher a silagem do silo, compostas de um pequeno motor, montado numa espécie de «aranha» que se pousa no alto da silagem, dentro do silo e que, por meio dum braço rotativo, «raspa» uma camada de silagem que é aspirada por uma ventoinha e lançada por um tubo para o exterior.

Mas não se limitava a exposição às máquinas de grandes dimensões, havendo-as de todos os tamanhos, incluindo larga representação de pequenos motocultivadores, especialmente com fresas, máquinas que tanto tem custado a divulgar no nosso país, apesar do seu enorme e indiscutível interesse.

Numa outra zona da feira realizavam-se demonstrações com determinadas máquinas. Como se estava na época das

colheitas abundavam as demonstrações das ceifeiras, gadanheiras, máquinas de voltar e recolher feno, enfardadeiras, charruas, etc..

Noutra vasta área estava patente uma série de demonstrações organizada pela Universidade do Wisconsin, representada pelo Instituto de Agronomia, Estação de Investigação Agronômica e Serviço de Extensão que, em cada um dos Estados Unidos, se encontram reunidos sob a direcção dum Deão de Agricultura. Semeados com antecedência e expressamente para esta reunião, havia talhões com variedades novas que interessava dar a conhecer, diferentes condições de cultura (densidade, adubação, etc.), tipos de pastagem aconselhadas para a região, etc..

Neste capítulo julgo que alguma coisa teremos que aprender porque, segundo creio, não é costume aproveitar as nossas feiras para demonstrações deste género, pelo menos em larga escala. Elas são, no entanto, duma oportunidade flagrante e devem compensar largamente a despesa e trabalho que exigem.

No dia 9 realizou-se, perante o Governador Gaylor Nelson, uma parada de material agrícola e carros ornamentados, estes no estilo dos nossos cortejos de oferendas. Na tribuna, além do Governador e outras entidades oficiais, encon-

trava-se a menina Carol Jean Anderson, que ostentava o título de «Alice no País dos Lacticínios» para o ano de 1961-62 e as 22 finalistas candidatas ao mesmo título para o ano seguinte, cada uma representando o seu concelho.

Com o seu hábito de eleger «rainhas de beleza» por qualquer motivo, os americanos criaram, também, no Wisconsin, o país dos lacticínios, uma rainha de beleza. Chamam-lhe a «Alice no País dos Lacticínios», por analogia com a «Alice no País das Maravilhas» dos contos de crianças mas, na realidade, esta Alice tem uma importante função a cumprir. O objectivo é chamar a atenção para os lacticínios e fazer propaganda desses produtos. Além do grande reclame na altura da eleição — os jornais dedicam muito espaço e fotografias à «Alice no País dos Lacticínios» — ela aparecerá, durante o ano, em programas de televisão, dará entrevistas aos jornais, colaborará em festas e reuniões, etc., fazendo, realmente, um bom trabalho. Num banquete nesse dia 9 de Junho foi eleita «Alice no País dos Lacticínios» para 1962-63 a menina Sylvia Lee, representante do concelho de Colfax.

Não se coaduna, talvez, com a austeridade dum produto como o nosso Vinho do Porto, uma forma tão clamorosa de propaganda. Mas não creio ser impossível aplicar a ideia a outros produtos ou sectores da Agricultura Portuguesa.

Atrelados, providos, na sua maioria, de «confortáveis» bancos feitos de fardos de palha e rebocados por tractores, circulavam pela vastidão da feira, fornecendo transporte gratuito. Um deles, com uma verdadeira bancada ambulante, proporcionava uma excelente vista do recinto. Todos ostentavam o reclame da companhia que os fornecera, combinando, assim, publicidade e utilidade.

Um dos stands em que especialmente me detive foi o do «Wiscon-



Demonstração duma máquina de voltar feno



Um aspecto da exposição de máquinas agrícolas

sin Agriculturist», uma das publicações agrícolas do Wisconsin. O seu Editor, o Sr. Ralph S. Yohe, amavelmente me forneceu indicações e devo confessar que fiquei um tanto impressionado ao saber que a tiragem do «Wisconsin Agriculturist» era de 186 000 exemplares, número que me pareceu magnífico para uma publicação agrícola quinzenal num Estado de 4 milhões de habitantes e onde existem outras publicações agrícolas. O Sr. Yohe informou-me que o número de agricultores decresce, no Wisconsin, à razão de cerca de 12 por dia, em consequência da maior eficiência da agricultura, que cada vez exige menos gente para cultivar a mesma área, ao mesmo tempo aumentando a produção. Sob o ponto de vista do «Wisconsin Agriculturist», claro, essa redução do número de agricultores tinha o inconveniente de reduzir o número total de possíveis assinantes.

O Serviço de Conservação do Solo e da Água tinha um interessante pavilhão com um modelo duma área de algumas centenas de hectares, à

escala, representando vários exemplos do uso de processos de conservação. Numa série de bem construídas gaiolas, representando o mais possível o habitat natural, encontravam-se, também, diversos animais da fauna do Estado do Wisconsin que atraíam especialmente a atenção das crianças que, assim, se iam habituando a conhecê-los.

A Universidade do Wisconsin e outros serviços oficiais apresentaram um pavilhão com variadas demonstrações, quadros estatísticos, folhetos, etc..

Num conjunto de vários pavilhões exibiam-se exemplares de gado bovino, ovino e suíno de diversas raças, equipamentos de estábulos e munição, etc.. Numa secção especial encontravam-se artigos antigos, pertencentes ao Museu Agrícola da Universidade do Wisconsin.

É fácil imaginar que a organização duma tal feira não é tarefa de pouca monta. O presidente da reunião a que assisti era o Eng. Agrónomo F. V. Burcalow, professor catedrático do Departamento



«Transporte público» durante a feira

AS PODAS EM VERDE

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Eng. Agrônomo

As podas em verde, mais frequentemente efectuadas, são a desparra ou desfolha e o esladroamento.

A desparra consiste na supressão de um certo número de folhas adultas, com o objectivo de provocar uma maior iluminação dos ramos, um arejamento mais intenso, diminuir as probabilidades de invasão das doenças criptogâmicas, facilitar a prática dos tratamentos e forçar a maturação dos frutos.

A desparra exige uma certa precau-

mento de Agricultura Geral. O próprio Dr. Burcalow amavelmente me acompanhou pessoalmente na visita aos diferentes sectores da feira. O Eng. Agrônomo Howard Kuhn, o agrônomo da assistência técnica do concelho de Dunn (onde se realizava a feira) também teve, como se imagina, parte importante na organização. Muitas mais pessoas, constituíam numerosas comissões, cada uma com a sua tarefa especial, como finanças, demonstrações de campo, relações públicas e publicidade, tráfico, policiamento, parques de estacionamento, comunicações (incluindo a preparação duma faixa de aterragem para aviões ligeiros, pois, normalmente, alguns dos agricultores-aviadores fazem-se transportar nos seus aviões), expositores comerciais, electricidade, programas variados, etc., etc..

Mas é indiscutível que o grande esforço dispendido na organização dos «Dias do Progresso Agrícola» encontra ampla recompensa no enorme contributo que esses dias dão para o progresso duma agricultura que, pelo facto de já ser altamente eficiente, não se dispensa de o querer ser ainda mais.

Fotografias do Autor

ção, podendo provocar vários prejuízos, quando não praticada com os devidos cuidados. O viticultor, pretendendo expôr os cachos à acção dos raios solares, para melhorar as condições de maturação, pode mais tarde andar aflito à procura de vegetação para proteger os cachos contra o escaldão, tão frequente, em certos anos e em determinadas regiões.

A desparra nem sempre é oportuna; deve-se praticar com muita moderação, como já dissemos. Tem lugar, quando os cachos estão muito ensombrados, em climas e solos húmidos, e a maturação se encontra muito atrasada. Nos terrenos baixos e húmidos, a desparra pode realmente, dar melhores resultados do que se for executada nas encostas e com boa exposição. Mas, se de uma maneira geral, no nosso País, a desparra não é de aconselhar, podendo dispensar-se, porque são mais de temer as altas temperaturas estivais, que frequentemente queimam as folhas e os cachos. É o que sucede, quase sempre, quando sopra o vento conhecido por «suão».

Muntz demonstrou na região de Bordeaux, que a desparra contribui para diminuir um pouco o açúcar da uva. Nos vinhedos setentrionais, provou igualmente, que o aquecimento directo dos cachos, quando se pratica a desparra, não tem influência sensível sobre o aumento da riqueza em açúcar, mas diminui a acidez da uva. Com o arejamento das uvas, facilitado pela desfolha, diminuem-se as probabilidades de serem atacadas pela podridão.

Quando se trata de uvas de mesa tardias, a desparra é de aconselhar, a fim de abreviar a maturação.

De resultados muito mais eficientes, é a prática que consiste no levantamento dos ramos, que se encontram próximo

do solo e dos que o tocam. Estes, encontrando-se caídos, com os frutos pendentes e apoiados vulgarmente na terra, cobrindo uma certa área, a luz não penetra e o calor assa os cachos. Procedendo-se ao levantamento dos ramos e dos cachos, ficando certamente a ser bafejados pela luz e pelo Sol, há uma notável melhoria nas condições de maturação, sobretudo, quando se trata de uvas brancas de mesa.

A «arregaça» deve praticar-se antes da maturação. Nesta época, são exactamente as folhas que se desparram, as que mais contribuem com importantes elementos para a constituição do fruto, notando-se mesmo, uma relação mais ou menos constante entre esse empobrecimento e o enriquecimento do fruto (J. Pierre).

Alguns ramos vegetativos, denominados ladrões, nada de útil representam para a planta, sendo apenas sugadores de seiva, a qual poderia beneficiar totalmente a restante vegetação, atingindo maior desenvolvimento, criando melhores condições para a formação dos bagos, e ficando portanto mais ricos em açúcar.

Concluindo, a eliminação dos ramos ladrões torna-se necessária, exceptuando o caso de se pretenderem utilizar para o rebaixamento da copa.

Além das vantagens já citadas: melhor desenvolvimento e atempamento dos ramos, que se desejem conservar e melhoramento dos frutos, ainda se podem apontar as seguintes: produz-se um maior arejamento nas videiras, providas de densa vegetação e cultivadas em vales e em forma baixa, criando-se assim condições desfavoráveis ao aparecimento de parasitas, passando a ser mais fácil a aplicação dos tratamentos anticriptogâmicos, havendo uma redução de fungicidas, e por conseguinte, menor dispêndio na sua aplicação. Facilita-se a poda futura, porque mais tarde, teriam de ser eliminados esses ramos, que foram suprimidos em verde, e corrige as podas e empas mal feitas.

O vigor apresentado pela vinha é o sintoma a atender na prática do esladramento. Assim, numa vinha ainda jovem, com muito vigor, não é aconselhável a efectivação desta prática. É útil, que alguns ramos frutíferos suplementares se

mantenham, por precaução. A sua função consiste em desviar o excesso de seiva dos ramos principais, para se evitar um possível desavinho, acidente, que pode surgir, quando a videira atinge grande desenvolvimento.

Se a vinha apresenta vigor suficiente e se encontra na meia idade, convém eliminar os ladrões.

Falamos anteriormente, em desavinho. Trata-se de um acidente, que consiste na não fecundação das flores e na sua queda. Ora este facto, pode ser devido a um excesso de vigor (alimentação azotada muito abundante), ou deficiência de vigor. A fim de obstar o excesso de azoto, ou melhor, para se atenuarem as acções perniciosas de uma adubação azotada, em quantidade demasiada, empregam-se adubos fosfatados e potássicos, que, segundo Chancrin, corrigem o excesso daquele elemento.

O desavinho também pode ser devido a uma má constituição da flor, própria de certas castas. Neste caso devem ser substituídas. Quando na época da floração caem chuvas abundantes acompanhadas de frio, a floração e a fecundação não se fazem em boas condições: mais uma possível causa do desavinho. Certas hormonas destinadas à monda química dos cereais, situados nas proximidades das vinhas, são susceptíveis de prejudicar a fecundação. É o que pode suceder com o 2-4-D (dichlorophénoxyacetato de sódio, ou com o dichlorophénoxyacetato de etilo). A degenerescência infecciosa também pode provocar o desavinho.

O esladramento deve ter lugar, quando os ramos se encontram tenros, para se evitar o esgaçamento, sempre de difícil cicatrização. Estas são as duas podas em verde mais frequentemente praticadas.

Existem outras modalidades, embora menos conhecidas: o cinzelamento, a desponta e a incisão anular.

Estas operações têm como finalidade melhorar a produção, mas raramente, se praticam, por não serem económicas.

Todas estas operações, excepto a desparrar se efectuam, quando os bagos atingem as dimensões de um grão de ervilha; aquela deve proceder a colheita cerca de três semanas.

ÁRVORES «FÓSSEIS»

Por ORLANDO DE AZEVEDO
Engenheiro Silvicultor

A semelhança dos animais muitas são as plantas que viveram em épocas remotas, há muitos milhões de anos, e das quais actualmente os únicos indicativos são apenas os moldes que as mesmas deixaram nos sedimentos que as cobriram. Este molde, ou marca, de um ser vivo, animal ou planta, denomina-se fóssil, e permite-nos reproduzir com maior ou menor fidelidade a forma, as dimensões e o modo como se propagaram essas mesmas plantas.

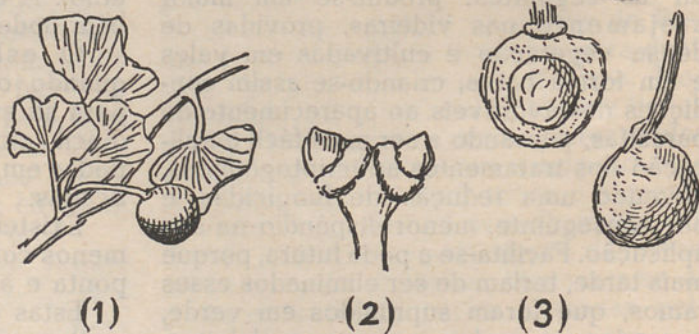
Também, à semelhança dos animais, as primeiras plantas que aparecem são de conformação muito simples, bactérias e algas microscópicas às quais se seguem algas mais desenvolvidas. Só mais tarde vão surgindo agrupamentos de plantas mais complexos, primeiramente plantas com caule e folhas — as Briófitas — seguidamente plantas com raízes, caule e folhas — as Ptéridofitas — e, finalmente, muito mais tarde as plantas com raízes, caule, folhas e flores — as Fanerogâmicas. Adentro deste grupo surgem a princípio as plantas com flores mais simples, isto é sem pétalas nem sépalos, flores nuas como se diz em linguagem botânica — são as Gimnospérmicas.

Ainda hoje existem muitas e muitas plantas Gimnospérmicas mas muitas mais desapareceram. Assim o grupo das Coníferas, nas quais se incluem os pinhos, as araucárias e mais árvores

de folha persistente possuem ainda hoje em dia dezenas de árvores.

Contudo existe nas Gimnospérmicas uma planta rara. É o Ginkgo. O Ginkgo biloba-L. é a única espécie que existe, ao presente, representativa duma extensa família botânica — as Gincgoaceas — largamente representada nos últimos tempos da história da terra e que ainda no pliocénico vegetavam espontaneamente no vale do Ródano.

O grande naturalista Darwin designou o Ginkgo por «fóssil vivo» pois pelo seu modo de reprodução mais se assemelha às plantas do mesmo grupo já desaparecidas. Além disso é uma planta limitadíssima na sua área de expansão natural porquanto só se encontra na China e no



Ginkgo biloba — 1) ramo com folhas e fruto, 2) flor feminina, 3) fruto

Japão em zonas muito restritas. O facto de aqui ser considerado árvore sagrada concorreu decisivamente para que fosse preservada pelos monges budistas. Aqui

se observa muito especialmente junto dos templos e cemitérios.

* * *

A árvore atinge no país de origem dimensões apreciáveis. Um dos primeiros europeus que a identificou na China — Bunge — refere-se a um exemplar com 30 metros de circunferência. Admite-se que alguns dos indivíduos mais idosos que ali se encontram tenham 2000 a 4000 anos.

Na Europa o Ginkgo foi introduzido no século XVIII. Os primeiros exemplares foram plantados em Inglaterra no Kew Garden por 1754. Em França a primeira árvore foi plantada em Montpellier pelo Professor de Botânica Gouan, nome pelo qual foi durante muito tempo conhecido.

Como planta dióica que é tem as flores masculinas e as flores femininas em plantas separadas. No entanto podem juntar-se no mesmo pé umas e outras enxertando um ramo feminino numa planta masculina. E foi assim que se obtiveram os primeiros frutos na Europa dada a raridade das árvores então existentes.

Uma das peculiaridades mais notáveis do Ginkgo é o sistema de reprodução que é semelhante ao das Criptogâmicas pois é feito por corpos ciliados denominados anterozóides.

As flores masculinas são pendentes. As femininas estão reduzidas normalmente a 1 eixo longo terminado por dois carpêlos. O fruto é uma drupa cuja parte comestível é a amêndoa muito apreciada pelos orientais. A parte carnuda exterior é gordurosa, gordura esta que depressa rancifica dando um cheiro nauseabundo aos frutos na época da maturação.

A multiplicação é feita por semente ou por estacas. Quando semeadas as plantas são repicadas ao 2.º ano de viveiro dispondo-as então definitivamente na terra.

As sementes devem ser imediatamente recolhidas após a colheita pois depressa perdem a sua faculdade germinativa.

Embora preferindo climas temperados o Ginkgo suporta bem os frios rigorosos e aceita a transplantação.

A árvore requiere no entanto solos profundos e de composição equilibrada isto é nem extremamente pesados nem extremamente leves.

No nosso país sòmente é empregada como árvore ornamental e como tal aparece nalguns dos nossos Parque e Jardins. É, sem dúvida, uma das essências mais decorativas tanto pela forma exótica das suas folhas conformação da sua copa e aspecto do tronco. E, acima de tudo, é uma «reliquia» duma familia de plantas que existiram muito mais profusamente dessiminadas à superfície do globo nos últimos milhões de anos da história da terra.

Conclusões Gerais das Jornadas Cerealíferas e Leiteiras

(Conclusão da pág. 496)

da cultura cerealífera muitas terras pobres e declivosas do país.

2.º — Os créditos libertados da campanha do trigo deverão ser postos à disposição das organizações da lavoura para instalação e montagem de fábricas ou oficinas tecnológicas destinadas a laborar matérias-primas de conhecida rentabilidade para os agricultores, nomeadamente as florestais.

3.º — Que se reforcem as verbas de que a junta de colonização interna dispõe para ocorrer a empréstimos ao abrigo da lei de melhoramentos agrícolas, para aquisição de máquinas, quer pelas organizações agrícolas, quer por particulares.

4.º — Que seja alterada a designação de Federação Nacional de Produtores de Trigo para Federação Nacional dos Produtores de Cereais, e normalizado o seu funcionamento.

5.º — Que seja activada a assistência técnica à lavoura baseada em planos previamente estabelecidos.

6.º — Estabelecimento, junto das organizações agrícolas, existentes ou a criar, de parques de máquinas que possam servir os pequenos e médios proprietários.

A respeito do leite, a conclusão apresentada pede cumprimento do decreto 39178 e de todas as suas consequências lógicas e, ainda, a subida de preço actualmente em vigor.

Trabalhos

em

Julho

NOS OLIVAIS

Regar, onde seja possível, tanto as oliveiras adultas como as prumagens, especialmente estas, cobrindo de mato, palha ou palhuço as caldeiras, para evitar a evaporação.

Esladroar, recorrendo de preferência à quebradura e poupando os ladrões que possam servir para encher a copa ou regularizá-la.

NOS JARDINS

Semear alissos, amores-perfeitos, anémonas, begónias, bocas de lobo ou antirínios, bons-dias, calceolárias, calêndulas, cinerárias, gerânios, lofospérmios, malvaiscos.

Plantar heliotrópio ou falsa baunilha. Fazer bordaduras de lobélias, cufeas, hortênsias do Japão, etc..

Sachar, mondar e regar copiosamente, em especial as lântanas, as fúcsias, as calceolárias, as petúnias e as relvas, que não sejam de gramão.

Estacar e nitratar as dalias e os criântemos.

Guardar as cebolas dos jacintos e das

tulipas, depois de enchutas e libertas de bolbilhos.

Tirar as rosas murchas às roseiras e as folhas velhas aos gerânios ou sardineiras.

Aparar as relvas.

NOS CAMPOS

Continuar ou começar os alqueives; abarbeitar ainda para os nabais a semear em Agosto e começo de Setembro; abrir alguns restolhos; lavrar as terras invadidas de grama e outras ervas daninhas e passá-las em seguida à grade de molas ou outra ou deixá-las torrar ao sol.

Semear milhos e sorgos para verde e ensilhagem, em terra alqueivada ou granjeada ou em alguns restolhos, depois de abertos e gradados e regados se for possível e necessário.

Sachar ou amontoar e regar batatas, milho e feijão;—Adubar milhos em cobertura à arrenda ou em seguida à rega. Sachar e regar meloais.

Defender os meloais do piolho e tratar os batatais mais atrasados contra o mildio.

Continuar a ceifa e a debulha dos cereais de pragana;—arrancar batata, separando a que deva ser destinada a plantação, previamente marcada no ter-

reno; apanhar ervanços e painço, que serão atados às horas de calor para não apanharem mofo;—trilhar garrobas depois do sol aquecer;—arrancar, ripar e curtir os linhos que estejam maduros; e cortar os cânhamos também já feitos.

NAS VINHAS

Continuar os tratamentos preventivos contra a pinta e o mildio, se o tempo aconselhar, e os curativos contra o oídio ou farinha, que agora é de reear, especialmente nos sítios húmidos ou baixos.

Desfolhar em volta dos cachos e ainda despampar e esladroar, mas cautelosamente.

Empar nos bardos, nas ramadas ou latadas e nos lateiros, mas não cortar as pontas das varas como se faz nalguns sítios, porque se pode comprometer a actividade das videiras.

Terminar a redra ou raspa nos sítios mais frios e frescos.

NAS HORTAS

Regar à tarde de acordo com as necessidades das plantas, a natureza do terreno e os recursos de água, mas, sempre que possível, abundantemente.

Cuidar com particular atenção, dos alfobres de couves diversas, semeados no mês anterior e destinados às produções de Inverno, regando-os e defendendo-os do calor excessivo.

Sachar, mondar.

Defender das moléstias e pragas.

Capar e estacar ou engradar toma-teiros.

Semear alface, espinafre e chicória para salada; cenoura, nabo precoce e rabanete; rapônco, cerefolho e feijão para vagem ou vaginha.

Plantar alface, couve de Bruxelas, pôros e, na Madeira, tomateiros.—Mudar chicórias frisadas, escarolas, couve-flor e pôros.

Atar chicórias e escarolas, depois de levantar o orvalho.

NAS ADEGAS

Arejar durante a noite as adegas e refrescá-las com água durante o dia.

Atestar cuidadosamente o vinho.

Desinfectar as vasilhas que vão ficando vazias.

Começar a preparar, no tempo morto, para a próxima vindima, o material de colheita e os recipientes de fermentação.—Especialmente proceder ao concerto dos utensílios de verga.

NOS POMARES

Regar os pomares de espinho ou de citrinos assim como os bananais e mantê-los limpos de ervas por sachas superficiais.—Aplicar-lhes cal, que pode ser em leite, nos terrenos não calcáreos, ou nitratar se houver necessidade.—Cortar os ramos, em excesso, das bananeiras e limpá-las das folhas secas e das flores.

Continuar com a defesa contra o pedrado das macieiras, nespereiras e pereiras com caldas cúpricas ou dos modernos fungicidas orgânicos de síntese e contra o piolho com caldas apropriadas.

Iniciar o combate ao «bichado» das peras e maçãs.

Combater a telha ou aranha vermelha das bananeiras com pulverizações de fungicidas específicos ou com polvilhações de enxofre.

Vigiar os enxertos anteriormente feitos, encaminhando-lhes a haste principal e esladroando-os.

Quebrar os ladrões que apareçam onde não possam ser aproveitados.

NOS CELEIROS

Caiar as paredes com uma calda de água (100 litros), cal viva (10 quilos) e sulfato de cobre (5 quilos) ou de qualquer produto eficaz. E desinfectar as tulhas e arcas de madeira.

Crivar os cereais para os separar de impurezas e reservar a larica, ervilhaca ou pedreiros para as sementeiras de pastos.—Separar já a parte destinada a futuras sementeiras.

NAS MATAS E NOS MATOS

Limpar aceiros e arrifes e vigiar atentamente para evitar a propagação dos incêndios.

Continuar a recolha da gema ou resina e o fabrico do carvão em fornos desmontáveis ou por outra forma, mas sempre com a maior cautela, para que se não dê origem a incêndios. É de aconselhar o roço dos matos à volta das furnas, covas ou fornos.

Roçar matos para intensificar a produção de estrumes, logo que haja braços disponíveis.

Preparar terreno e abrir covas, para a próxima época de plantação.

Começa a proceder-se à colheita de sementes de diversas espécies florestais como acácias e vidoeiros.

NO AVIÁRIO

Substituir as papas por aveia, havendo-a, na alimentação das frangas que tenham atingido 5 meses.—Distribuir muita verdura às fêmeas adultas.—Activar o crescimento dos frangos misturando, às pastas, urtigas picadas.

Ir reformando as galinhas mais velhas e menos poedeiras e marcar os futuros reprodutores.

Limpar cuidadosamente as instalações, pincelando ou pulverizando as paredes com leite de cal.

Adicionar à bebida de tempo a tempo, um pouco de ácido salicilico (2 a 3 grammas por litro).

Preparar abrigos para as horas de maior calor.

Facilitar a crise das carúnculas nos peruzinhos, juntando às papas uma mistura de canela e gengibre e fornecer-lhes

também farinha de ostras ou de casca de ovos.

Deixar em meia liberdade, depois do 2.º mês, as crias das pintadas.—Cuidar da sua alimentação nas vizinhanças da crise do vermelho e fornecer-lhes, sendo possível, ovos de formiga que especialmente apreciam e beneficiam.

Levar os gansos à pastagem de manhã e à tarde.—Proteger os patinhos recém-nascidos contra os ardores do sol, que podem provocar congestões.

NOS VIVEIROS

Sachar com cautela ou mondar e regar, seguidamente à tardinha tanto nos viveiros de bacelo como nos de oliveiras e árvores de fruto ou florestais.

Esladroar e vigiar os enxertos, estacá-los para que as hastes cresçam aprumadas e mais fortes.

Defender das moléstias (mildio pedrado) e das pragas (piolho, cochonilhas, etc.).

Proteger as sementeiras e os nascidos mais recentes e delicados (oliveiras, laranjeiras, eucaliptos, etc.) contra os ardores do sol.

Preparar terriços para futuras sementeiras.

NO APIÁRIO

Especialmente no Norte e Centro do País, continua a extracção do mel.

Impõe-se vigiar as colmeias mais fracas, pois serão presa fácil dos ataques da «traça».

A elevação da temperatura ambiente obriga a garantir conveniente arejamento às colmeias, mórmente à que fazem «barba», prova de que ele é insuficiente. Aconselha-se distribuir pelo colmeal vasilhas com água onde as abelhas possam com facilidade dessedentar-se.

É bom reduzir ao mínimo indispensável as visitas muito demoradas, às colmeias, pois o cheiro do mel pode provocar a pilhagem.

CAÇA E PESCA

Para quando o Rio Minho?

por ALMEIDA COQUET

(Conclusão)

VAI já longo este assunto e temo aborrecer o leitor paciente com tanto martelar...

Mas tem de ser assim, tão importante é tentar resolver este problema de tanto interesse para as duas nações da Península, sob os aspectos: — económico, social e desportivo.

Basta pensarmos a sério no que representa a pesca do SÁVEL no rio Minho, para compreendermos a sua influência na vida de milhares de pessoas nas duas margens, portuguesa e espanhola.

Excluindo o ano de 1944 — que foi anormalmente baixo — mostram as estatísticas que no período ocorrido de 1941 a 1948, os totais da pesca do sável vieram descendo de cerca de 150 toneladas até pouco mais de 100 toneladas no último ano citado. E embora sem números oficiais completos, de então para cá, é do geral conhecimento em toda a região afectada, que as pescarias continuaram a baixar por forma alarmante.

A situação, quanto ao sável no Minho, é portanto esta: — menos pesca, menos alimento, menos rendimento; o que vem afectar económica e socialmente, centenas e centenas de pescadores e famílias.

Temos ou não obrigação de abrir bem os olhos, ou melhor, de acordarmos, já que há tantos anos dormimos a sono solto, sem quereremos saber da gravidade da doença?

Quanto à LAMPREIA, nem apesar da

sua enorme resistência e grande facilidade de procriação, tem conseguido manter-se na posição de outros tempos. Tem declinado e muito, também, e não será preciso encarecer aqui o seu valor de alimento especial.

É, assim, mais um valor activo do rio Minho, que deixa de pesar no Balanço anual da região...

São estas as duas espécies que urge proteger sem perda de tempo, de forma a que a sua pesca resulte útil para tão vasta região, dando aos seus naturais o ganho e o alimento a que tradicionalmente estão afeitos, aumentando-lhes o bem-estar, dando-lhes satisfação justa para um melhor nível de vida.

E é isso custoso?

Não é. Pouco haverá que fazer, pois a maior tarefa é a do Atlântico, que sem despesa para nós, recebe pequenos peixes nascidos no rio e no-os devolve em ciclo certo, já de grande porte, robustos, pesados, com uma carne admirável! Quanto pode a Natureza! Quanto pode a mão de Deus!

Qual a nossa tarefa então? Preparar-lhes desovadouros, procurar dar-lhes águas sem poluições letais. Regulamentar a sua pesca de modo a que se não torne ruínosa para as espécies, como quem diz: — não matar a galinha dos ovos de ouro.

Não esquecendo a FISCALIZAÇÃO eficiente.

Isto quanto à pesca industrial, profissional. É quanto à pesca desportiva, que de dia para dia aumenta em todo o mundo, com um entusiasmo incrível? Terá ainda o rio Minho possibilidades tais, que possa ser considerado de categoria para o grande desporto da pesca de salmónídeos?

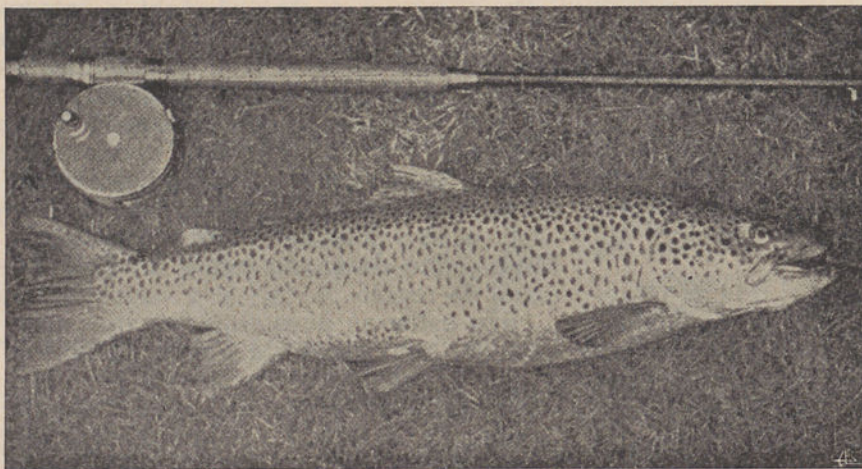
Podemos responder afirmativamente, sem receio, tais são as possibilidades extraordinárias que o Minho oferece para a TRUTA DE MAR, ou «marisca», acompanhada da truta de rio.

Segundo a corrente moderna, uma e outra é denominada *Salmo trutta*. No entanto o seu comportamento é bem distinto. Enquanto a truta de rio, vulgarmente conhecida por *truta comum*, não

gório, banha margens de duas nações, **só com um regulamento de pesca comum**, se poderá chegar a uma solução conveniente.

E eis-nos novamente no ponto que está por resolver: — a necessidade urgente de um acordo entre Portugal e Espanha. De resto, já em Março de 1958, os delegados portugueses e espanhóis reconheceram essa necessidade (1).

E há ainda possibilidades de desova para a truta de mar, na bacia hidrográfica do Minho? Absolutamente. Um meu amigo pescador, frequentador assíduo de rios espanhóis, tem pescado trutas mariscas nos afluentes Tamuge e Louro, ainda com as águas altas, tudo indicando



Também a truta comum atinge as dimensões no Rio Minho. Com a truta de mar, oferece assim ao pescador motivo ideal para um desporto cada vez mais desenvolvido em todo o mundo

emigra, a *marisca*, nascida nos rios, sai ao mar, de onde regressa dentro de um ano para desovar. E no caso do rio Minho, as *mariscas* são demais conhecidas pelo seu porte, peso e combatividade.

Qual a razão principal justificando o seu extermínio? Bem simples de explicar e bem simples de remediar: — O mal é a pesca com redes, nos poços, em Agosto e Setembro, quando por terem as águas baixado muito, elas se reúnem nesses poços, aguardando as primeiras chuvas e a subida das águas, para se dirigirem aos locais de desova.

Facilimo pois de remediar, interditando esses poços à pesca, naquela época, quando as trutas ali se refugiam antes da subida decisiva aos desovadouros.

Mas como o Minho, da foz a S. Gre-

que essas trutas desovaram lá, o que está de acordo com as indicações do lado espanhol. Isto sem falar no rio Tea, onde se admite ainda que desova também o salmão.

Falta saber do lado português as possibilidades de desova. Sem dúvida o Coura, na parte inferior. E no Gadanha e Mouro (2), se for facilitada a subida das trutas.

Enfim, cremos firmemente haver boas

(Conclui na pág. 513)

(1) *Gazeta das Aldeias* n.º 2497 de 16/6/1963.

(2) *Errata*. Por lamentável lapso de que pedimos desculpa, quando da reprodução do mapa da bacia hidrográfica do Rio Minho, no nosso n.º 2495 de 16/5/1963, não foi no mesmo indicado o afluente português Rio Mouro, que vem de Lamas de Mouro e desagua no Minho a montante de Monção, rio do maior valor para pesca desportiva. Fica assim feita a devida rectificação.

Algumas notas

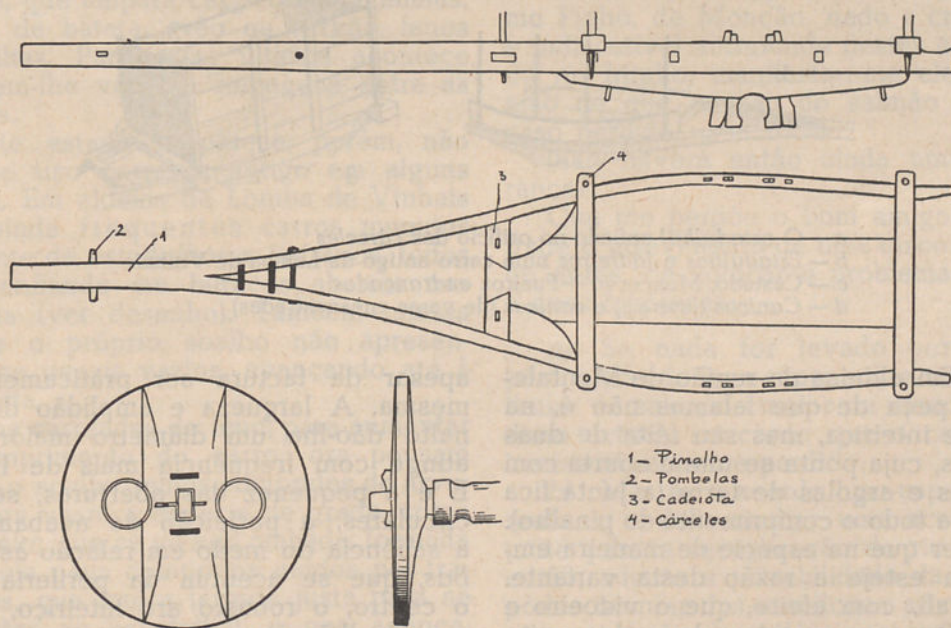
SOBRE O CARRO DE BOIS

O carro trasmontano

Por FERNANDO GALHANO

COMEÇAREMOS hoje por olhar para o carro do Leste Trasmontano, para cuja forma particular de chedeiro chamamos a atenção no último artigo.

Para construir um chedeiro ou *encheda* deste género, começam por serrar o tronco em cerca de quatro quintos do seu comprimento. Apertam-no depois



Nessa forma, a mais arcaica do País segundo Vergílio Correia, as chedas são constituídas por duas metades dum tronco serrado a meio em quase todo o comprimento, sendo nesta ponta que ficou por serrar que se apõe o jugo.

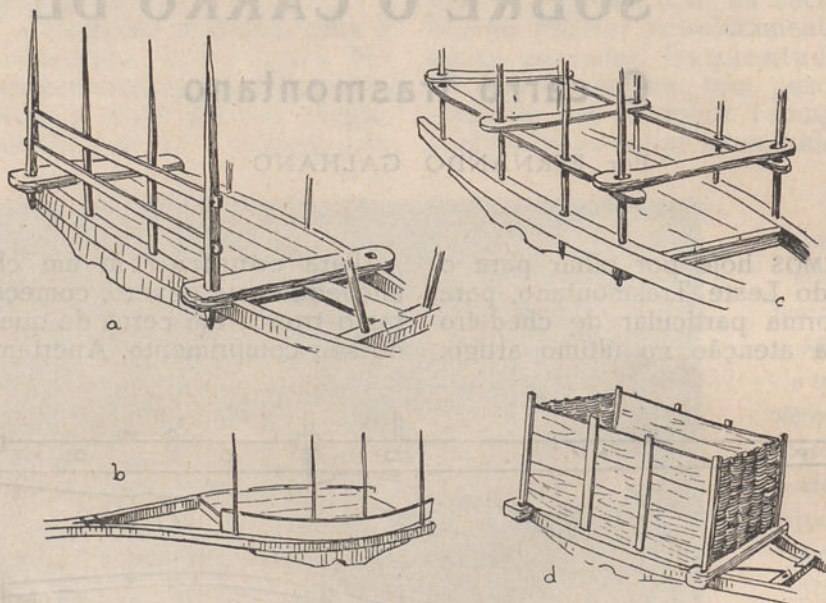
fortemente num entalhe aberto num cepo, no ponto em que termina o corte da serra; impedido assim o tronco de rachar e abrir, vão afastando e encurvando, por meio do fogo, as duas metades, ligando-as e firmando-as por meio de *travessas*

ou *cadeias* de comprimentos conhecidos. *Gatos* ou *cantebras* de ferro evitam, depois de retirada a caixa de madeira, a abertura da parte inteiriça; é esta, conhecida vulgarmente por *pinalho* ou *pinalha*, que desempenha o papel da cabeçalha, com as *pombelas* a que se amarra o jugo.

Porém nem por toda a área de difusão deste tipo de carro isto sucede deste

chamam em certos locais *cadeiota* — e a segunda, que é onde na realidade começa o soalho do carro.

O rodado que acompanha esta forma de carro tem uma forma e dimensões que o distinguem do usado pelas outras áreas do País. Se até ao Barroso chegam cheiros trasmontanos que andam sobre rodeiros minhotos, as rodas que lhe são próprias têm uma feição muito particular,



a — O *estadulhal* enfiado no orifício dos *cárceles*
 b — *Estadulhos* e *ladreiros* num carro antigo da Lomba de Vinhais
 c — *Castedo*, *Moncorvo* — *Fueiros endrançados*
 d — *Cananças* (laterais) e *caniços* (de varas encanastradas)

modo. Em aldeias da região de Montalegre, a peça de que falamos não é, na verdade inteiriça, mas sim feita de duas metades, cuja ponta se une e aperta com grampos e argolas de ferro (a junta fica visível a todo o comprimento do pinalho). Pode ser que na espécie de madeira empregada esteja a razão desta variante. Dizem ali, com efeito, que o vidoeiro e o negrilho se comportam de modos muito diferentes; mas muitas vezes a justificação dum costume vai buscar razões fáceis mas menos verdadeiras.

Outra particularidade curiosa na maioria dos carros trasmontanos é o vazio aos lados do estrado, na sua parte dianteira, entre a primeira *cadeia* — a que

apesar da factura ser praticamente a mesma. A largueza e amplidão do planalto dão-lhe um diâmetro maior, que atinge com frequência mais de 1,20 m. E é a pequenez das aberturas, sempre circulares, a perfeição do acabamento, a saliência do *meão* em relação às *cambras*, que se acentua da periferia para o centro, o robusto aro inteiriço, e até o *vermelhão* com que as pintam, que de longe as caracterizam e distinguem.

A grande curvatura do estrado destes carros, e talvez também a reduzida espessura de cada cheda, que não aconselha

a perfuração para os estadulhos, dão lugar, principalmente pela ponta nordeste da província, ao aparecimento de duas peças que, assentes no soalho, são atravessadas pelos estadulhos das extremidades. Essas peças (*cárceles* ou *berbiões* na área bragançana) andam por assim dizer sempre em cima do carro, e ora são atravessadas pelos estadulhos terminais das *caniças*, ora pelos do característico conjunto conhecido por *estadulhal* ou *ingarelas*. O estadulhal é composto por duas grades, uma a cada lado do carro, e cada dessas grades é formada por dois *estadulhos* ou *pés* que entram nos *cárceles*, e por duas ou três travessas (*latelas*) neles espigadas e cavilhadas. Estas *latelas* encostam-se ao lado exterior dos dois únicos estadulhos que furam as chedas, a ambos os lados dos buracos das treitoiras. Outros dois estadulhos enfiam nos buracos abertos na cadeiota; chamam-lhes em alguns lugares *estadulhetas*.

O carro anda geralmente com o estadulhal, que ampara carga diversa, alfaias, sacos de batata, grão ou carvão, feno e palhas. Para estas últimas acontece tecerem-lhe varas e ramagens entre as *latelas*.

Este estadulhal parece, porém, não ser de uso corrente antigo em alguns locais. Em aldeias da Lomba de Vinhais são ainda frequentes carros munidos sòmente de *estadulhos* e *ladreiros*, todos eles enfiando em buracos abertos nas chedas (ver desenho). Também nesses carros o próprio soalho não apresentava os usuais vazios, avançando até à cadeiota.

Nas carreadas de feno, para aumentar o comprimento do carro, ora pousam sobre o soalho ramos compridos de árvores, ora usam a espécie de grade, como a *rabeira* que se vê na Lombada, formada por dois paus compridos unidos por travessas, que tem a largura justa para se encostar ao estadulhal, e que avança, estreitecendo, quase até à ponta do pinalho.

Como maneira de travar vulgares fueiros, vi usar perto de Moncorvo um processo curioso: as *endranças* (para *endrançar*) são peças de madeira com buracos abertos onde os fueiros entram, de modo

a formarem todos um conjunto solidário (ver desenho).

É sobre chedeiros deste tipo que, com taipais formando uma caixa vedada, se transportam as uvas para o lagar. Esses *carros gargaleiros* têm apenas essa utilização, e são por isso empregados apenas uns escassos dias em cada ano.

Não devo deixar de acrescentar que este carro, sendo na verdade um carro de bois, é, principalmente em certas zonas, muita vez puxado a machos.

Caça e Pesca

Para quando o Rio Minho?

(Conclusão da pág. 510)

perspectivas para uma perfeita protecção ao desenvolvimento da truta marisca no Minho. Só falta o entendimento oficial luso-espanhol...

Já no meu artigo anterior apontei o caso do salmão, como difícil.

Falando ainda há pouco com o Dr. António Pinho, de Monção, nado e criado ali e indiscutível autoridade nestes assuntos do rio Minho, manifestou-me ele a opinião de que o caso do salmão era um caso perdido.

Não haverá então ainda uma esperança?

Que me perdõe o bom amigo e confrade o atrevimento de uma discordância, ou antes, de colocar o problema sujeito a duas hipóteses:

a) Se nada for levado por diante para o acordo luso-espanhol, e tudo continuar ao sabor do maior ou menor abandono actual, concordo que o caso está irremediavelmente perdido;

b) Mas se o acordo luso-espanhol se realizar, e dali resultar uma acção conjunta para a recuperação do rio Minho, então, admito a possibilidade da técnica poder triunfar das condições adversas, e que o salmão do Atlântico possa voltar em quantidade às águas únicas deste grande rio que é o Minho.

Resta agora, que para bem daquele rio e de todos nós, seja dado o primeiro passo e se consiga o entendimento porque clamamos.

Secção Feminina

A matança e o sarrabulho

É uma das épocas mais animadas nas cozinhas provincianas, a época da matança. Regra geral, de madrugada, levantam-se os criados e o javrador aguarda a chegada do matador, a quem oferece o habitual mata-bicho. A seguir os criados agarram o animal e estendem-no sobre uma tábua, ou num banco comprido, atando-lhe fortemente os queixos, em algumas regiões, para não morder. Colocado na posição conveniente, colocam-se à mão dois alguidares, um



com 1 a 2 decilitros de vinagre para recolher o sangue que não se deseje coagulado e outro, vazio, para recolher parte do sangue que depois servirá para o sarrabulho. No primeiro alguidar deve mexer-se continuamente, até arrefecer, para evitar melhor a coagulação.

Em certas províncias queimam-se as cerdas e a pele com molhos de palha de centeio a arder, noutras com molhos de colmo e ainda noutras, para o sul, com molhos de tojo. Raspa-se depois a pele com navalhas ou facas, e até em certas regiões, com pedras lisas, e lava-se com bastante água morna. Procede-se depois à operação da abertura e, tiradas as fressuras e as tripas, é muito bem lavado por dentro, ficando a escorrer, ao alto, por cerca de 24 horas.

A sarrabulhada

A festa da matança, no Minho, é constituída pelos seguintes pratos:

Papas de milho com os lombinhos do porco; sarrabulho; cozido com arroz; guisado da fressura do porco; frangos guisados; rejeões do porco; tripas do porco fritas; lombo do porco assado com grelos cozidos; aletria ou ovos em fio e castanhas assadas, acompanhados de vinhos da região.



As papas

Fazem-se 2 litros de caldo com o cozido do porco, carne da vaca, presunto, ossos da espinha, costelas e salpicão.

Estando apurado, passa-se no passador, tira-se parte da gordura com uma espumadeira e mistura-se-lhe a água da cozedura do fígado, que se ferve sempre à parte com um pouco de sal.

Volta ao lume e junta-se-lhe o sangue (1 quilo para cada 10 pessoas), cozido, esfarelado em bocadinhos pequenos, engrossa-se com farinha de milho peneirada até ficar cremosa. Ao ir para a mesa junta-se uma colher das de chá, de cominhos moidos.

O sarrabulho

Desfazem-se 2 dentes de alho com 5 gramas de sal fino numa caçarola grande,

juntam-se duas cebolas grandes muito picadas e seis colheres das de sopa, bem cheias de banha. Estando a cebola a começar a alourar, juntam-se 500 gramas de fígado de porco cozido cortado aos bocadinhos pequenos, uma folha de louro, 1 grama de pimenta moída e 2 quilos de sangue fresco, de porco, cozido, desfeito aos pedaços, com a mão, deixa-se cozer tudo bem, juntando alguma água, se for preciso para não pegar. Estando pronto, juntam-se os cominhos, ferve por mais cinco minutos e serve-se.

Arroz de sarrabulho

Deitam-se numa caçarola grande 300 gramas de banha de porco e duas cebolas grandes cortadas miúdo. Logo que a cebola comece a alourar, deitam-se 5 gramas de sal, a fressura completa do porco cortada aos bocadinhos. Estando tudo bem cozido, juntam-se dois ramos de salsa, uma colher das de chá, de cominhos, 1 quilo de arroz carolino e dois volumes iguais de água e 1 quilo de



sangue de porco fresco cozido, esfarelado com a mão. Rectificam-se os temperos de sal e deixa-se cozer o arroz, de preferência, no forno.

Querendo fazer-se um arroz mais forte, assa-se à parte um ou dois frangos gordos, desfia-se-lhes a carne e junta-se ao arroz, assim como o molho que deram na assadura.

Guisado de fressura de porco

Cortam-se os pulmões, (bofes), o fígado, o coração do porco tudo cortado em bocados pequenos. Deita-se numa caçarola uma cebola grande cortada muito miúdo, e um ramo de salsa a que se juntam 60 gramas de banha de porco e um pouco de sal. Estando a cebola loura, juntam-se os bocados da fressura, 2 a 3 decilitros de água, um cravinho e meio grama de cominhos. Tapa-se a caçarola, deixando ferver lentamente. Se o

molho for ficando muito espesso, junta-se um pouco de água. Estando cozida a fressura, rectificam-se os temperos e serve-se acompanhado de fatias de pão fritas na banha.

Mais ideias úteis para a dona de casa

Marfim

Muitas pessoas têm sérias dificuldades para limpar os objectos de marfim por se ignorarem os métodos eficazes de o conseguir. A receita que inserimos é a usada pelos marfinistas das províncias ultramarinas e consta do seguinte:

1.º — Desengorduram-se os objectos com benzina;

2.º — Limpam-se muito bem, passando várias vezes por água limpa;

3.º — Num recipiente que possa ir ao lume metem-se os objectos e cobrem-se com água oxigenada a 12 volumes. Não deve ser mais concentrada porque é prejudicial. Deixa-se ferver muito lentamente durante cinco a dez minutos, conforme o tamanho e quantidade das peças, mexendo sempre a água com um pequeno pau, para envolver todas as peças e deixar arrefecer;

4.º — Lavar com água limpa e pôr a secar à sombra sobre uma toalha de felpo;

5.º — Puxar o lustro, esfregando a seco com branco de Espanha muito fino, que se compra nas drogarias.

Móveis de pinho

Os móveis de pinho podem fazer-se assemelhar a madeiras diferentes conforme a infusão que se lhes der. Para lhes dar a aparência de nogueira, dissolve-se um pouco de fungão em água fria, e pintam-se com essa solução.

Para lhes dar a aparência de carvalho, dissolvem-se 25 gramas de potassa cáustica e 5 gramas de carvão em pó num litro de água. Depois com um pincel aplica-se sobre o móvel repetidas vezes. Deixa-se secar e encera-se.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

VII— PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 64— Assinante n.º 27 738 — Braga.

COMBATE À FORMIGA E AOS RALOS

PERGUNTA — Há tempos escrevi para me dizerem o que devia aplicar para combater o bicho do feijão, tendo-me indicado o sulfureto de carbono, o que já verifiquei dar excelente resultado.

Agora, venho pedir-lhe o favor de me indicar o que devo aplicar para destruir as formigas e os ralos que tanto prejudicam as fruteiras e as sementeiras. Dizem-me que também dá resultado o sulfureto de carbono. Será assim?

Aguardo e agradeço uma resposta.

RESPOSTA — Apraz-me saber o bom resultado obtido pelo Sr. Consulente com a aplicação do sulfureto de carbono como insecticida fumigante no extermínio do gorgulho do feijão.

Como fumigante do solo, contra a formiga e o ralo, como pretende saber a sua acção só será boa se as terras forem leves e a sua aplicação for feita no Verão.

Terras frias e compactas contrariam a acção daquele produto que exige para uma boa acção uma certa temperatura

para se evaporar, e uma boa permeabilidade para se expandir.

Opte para o extermínio das pragas referidas pelo clordane. No 1.º caso — a formiga — combata-a aplicando a pincel aos troncos das fruteiras a seguinte calda:

Água 10 litros
Cloroxone 2 decilitros

Basta que esta aplicação seja feita apenas a 1 metro do tronco da fruteira. A sua repetição impõe-se com intervalos de 2 meses.

Para o caso dos «ralos» distribua pelos locais onde são visíveis os seu estragos farelo de trigo embebido na calda atrás indicada.

Tenha presente que quer o isco que lhe recomendamos quer a calda são venenosos. — *Benevides de Melo*.

★

N.º 65 — Assinante n.º 37 267 — Penafiel.

LAGARTAS NO VINHEDO

PERGUNTA — Como amostra, envio uma lagarta que hoje encontrei sobre a folha da videira que esta acompanha.

VINHOS-AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

Porque notei a presença de várias nas imediações e receando tratar-se de qualquer nova praga, rogo o favor de me elucidarem do que se trata e se merece atenção ou tratamento.

RESPOSTA — Caso venha a verificar na época que decorre estragos provocados pela roedura das «lagartas» no seu vinhedo estes poderão ser eliminados se à calda de sulfato de cobre e cal que utiliza no combate preventivo contra o mildio, adicionar um insecticida do tipo «Arsinete» que é venenoso na dose de 0,5 0/0. Uma ou duas aplicações quando do tratamento contra o mildio, supomos serem bastante. — *Benevides de Melo.*

XIX — MEDICINA VETERINÁRIA

N.º 66 — Assinante n.º 42741 — *Portimão.*

PAPAGAIO ATACADO POR CONVULSÕES

PERGUNTA — Possui um papagaio, de cor cinzenta, com a idade aproximada de 8 anos.

Já por várias vezes este me tem caído do poleiro; não está preso. Quando isso acontece, fica um pouco atordoado, recuperando em seguida a normalidade.

Hoje, aconteceu ter caído, ficando mortal e gritou bastante.

Telefonei a um veterinário e este aconselhou-me a dar-lhe $\frac{1}{4}$ de comprimido de cafeína. Mais tarde levei-lhe o papagaio para o seu exame médico, mas não sabe os motivos. No entanto, mandou dar-lhe $\frac{1}{4}$ de comprimido de vitamina B1.

O papagaio encontra-se completamente deitado.

A alimentação que lhe mandou dar foi sopas de café.

Agradecia a fineza de, dentro dos possíveis e com a maior urgência, informar a que atribuir, bem como o tratamento a seguir.

Pedia também a fineza de me indicar onde conseguir um tratado sobre papagaios.

RESPOSTA — Estas podem ser provocadas por perturbações gastro-intestinais, vermes intestinais, apoplécia, etc.

Muitas das causas das doenças dos papagaios, residem na alimentação inadequada.

Não sabemos o regime alimentar da ave em causa. Aquela pode comer papas de farinha de trigo, temperadas com um pouco de sal. Torna-se necessário oferecer as papas à ave, com auxílio de uma colher. Ela própria come de colher.

Estão indicadas as sementes de girasol, cânhamo, nozes, avelãs, amêndoas, maçãs doces e maduras, bananas, cenouras cruas ou cozidas.

Convém ministrar-lhe de vez em quando, um pouco de carvão vegetal em pó, misturado com alimentos bastante líquidos, como o pão duro torrado, embebido em leite fervido.

Não se lhe deve dar pão mole, carne ou alimentos gordurosos.

Alimentos de origem animal, só o leite, condimentado com pimenta de Caiena, e ovos cozidos, lhe são permitidos.

Substâncias doces, apenas o mel, mas em pequenas quantidades.

Em caso de prisão de ventre, ministrar-lhe pelo bico abaixo, 5 a 6 gotas de óleo de castor, de manhã em jejum, podendo repetir-se a dose, à noite. Juntar sementes de linho, às restantes sementes alimentares.

Convém sempre que na gaiola haja areia, para a ave poder moer mais facilmente os alimentos na moela. As perturbações gastro-intestinais muitas vezes resultam de carências da areia.

Os vermes intestinais combatem-se misturando às sementes atrás referidas, sementes de abóbora e de linho. Um pouco de alho misturado também é conveniente.

O asseio rigoroso da gaiola, que deverá ser lavada todos os dias, é indispensável.

Os papagaios domesticados não têm época regular para a muda das penas, podendo estar alguns anos sem as mudar.

A queda das penas pode ser ocasionada por parasitas externos, que se combatem por exemplo com pós de piretro. Atenção: o DDT está contra-indicado.

A má alimentação também pode contribuir para a queda das penas.

Como medicação interna, estimulante, administrar 3 vezes por dia, duas gotas de cada vez, de MICORENE GEYGI, misturadas em meia colher das de chá, de água fervida fria.

Esta medicação não tem contra-indicações, e pode ser ministrada durante bastante tempo.

«O Manual Prático do Passarinheiro», do Dr. J. W. Edrick—Biblioteca de livros úteis e científicos—n.º 16, edição da Livraria Popular de Francisco Franco, Travessa de S. Domingos n.ºs 30 a 34—Lisboa 2, tem bastantes indicações que julgamos serem suficientes para o sr. Consulente orientar a criação do papagaio.—*Carrilho Chaves.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 67 — Assinante n.º 42 276 — *Mealhada.*

EMPARCELAMENTO DA PROPRIEDADE RÚSTICA

PERGUNTA — Possui uma propriedade composta de vinha e terreno de cultura, sendo este com oliveiras novas.

Dentro desta propriedade, que é atravessada por um pequeno e estreito caminho (dois metros de largura), existe um pequeno terreno que foi vinha noutros tempos, sendo hoje pinhal, o qual pega com a minha propriedade pelo Sul, Poente e Nascente, e a Norte o pequeno caminho, e seguidamente outra vez a minha vinha.

O dito pinhal deverá ter cerca de 2 000 m².

Apesar de me dar com o proprietário, e ele precisar, para valorizar a propriedade, diz que não vende; e, assim, vem há muitos anos a prejudicar imenso a minha vinha pelas raízes e sombra dos pinheiros, como V. compreenderá.

Segundo a Lei de Emparcelamento das Propriedades e como protecção aos terrenos amanhados, poderei obrigar o proprietário a vender-me o pinhal, pelo seu justo valor, é claro?

Aguardando o favor da autorizada opinião, nem só pelo favor da resposta como ainda, a poder obrigá-lo, deverei proceder?

RESPOSTA — 1. Em princípio, uma das finalidades do emparcelamento é precisamente «a concentração da área de vários terrenos dispersos, pertencentes ao mesmo proprietário, no menor número aconselhável de prédios» (alin. a) do art. 2.º do dec. 44 637, de 26-10-62), o que parece estar de acordo com a pretensão do senhor consulente, até porque, sob o ponto de vista económico, o pinhal referido constitui por assim dizer um encrave (cfr. alinea c) do mesmo art.).

2. Simplesmente não prevê a Lei

do Emparcelamento e o decreto citado, que a regulamenta, a venda forçada de terrenos dispersos aos proprietários daqueles que os circundam, pelo que o senhor consulente não pode, obrigar o dono do pinhal a vendê-lo.

3. Segundo está previsto, todas as operações de emparcelamento deverão ser feitas pelo sistema de trocas (n.º 1.º do art. 5.º do decreto citado), só se podendo recorrer às vendas «se os interessados nisso convierem» (n.º 2.º do mesmo art.).

4. Por outro lado, o emparcelamento deve ser feito totalmente em determinada área, não podendo cingir-se a operações singulares entre dois proprietários.

E, nesta ordem de ideias, a iniciativa do emparcelamento cabe sempre à Junta de Colonização Interna, podendo no entanto qualquer proprietário interessado requerer que ela proceda às necessárias operações. (art. 28.º do dec. citado).

Nesse requerimento deverá o interessado localizar a zona a emparcelar, indicar a sua área aproximada, o número aproximado de proprietários abrangidos e o daqueles que estariam interessados no emparcelamento e justificar sumariamente a sua necessidade (art. 29.º) — *A. M. O. Pinheiro Torres.*

★

N.º 68 — Assinante n.º 44 979 — *Pampilhosa da Serra.*

LICENÇA CAMARÁRIA PARA OBRAS. FUNDO DE DESEMPREGO

PERGUNTA — Tenho dentro desta vila uma propriedade composta de terra de sementeira e oliveiras, que parte de Nascente com o caminho da Fonte, Poente e Norte com a Estrada Nacional n.º 112 e Sul com o rio Unhais.

Pretendo reconstruir uma parede que está ao fundo da rampa da referida estrada, uns 20 a 30 metros, onde há oliveiras minhas e do Estado, e ainda fazer uns capoeiros. Como esta propriedade está compreendida dentro do plano de urbanização, sou obrigado a pedir licença à Câmara para estas obras e a pagar para o Desemprego?

RESPOSTA — 1. Nos termos dos art.ºs 1.º e 2.º do Regulamento Geral das

Edificações Urbanas (dec.-lei n.º 38382, de 7 de Agosto de 1951) a reparação de edificações ou obras de construção civil existentes em zonas sujeitas a plano de urbanização carece de licença prévia da respectiva Câmara Municipal.

2. Dispõe o art. 20.º do Dec. 21699, de 19 de Setembro de 1932, que «todos os que empreguem normalmente um ou mais... operários... em indústria ou comércio concorrerão em cada mês, para o Fundo de Desemprego, com 1 por cento de importância paga... e correspondentemente cada um dos... operários, com 2 por cento do que no mesmo mês receber...».

Em face do transcrito afigura-se-me que a obra a fazer, no caso de ser por conta e administração directa ao senhor consulente — e só nesse caso se pode pôr o problema — não dá lugar ao emprego de operários com aquele carácter de normalidade que transparece no art. citado, pelo que me parece não ser devida qualquer percentagem para o Fundo de Desemprego. — A. M. O. Pinheiro Torres.

XXIV — BIBLIOGRAFIA

N.º 69 — Assinante n.º 44142 — Porto.

BIBLIOGRAFIA SOBRE PISCICULTURA E FLORICULTURA

PERGUNTA — Solicito o favor de me indicar pequenas obras sobre piscicultura e estufas (flores e certas coisas de África (tropicais), orquídeas.

RESPOSTA — Infelizmente a bibliografia pedida pelo consulente é relativamente escassa, nomeadamente em língua portuguesa, em que não julgamos existirem quaisquer obras especializadas.

Em língua francesa e inglesa, podemos indicar-lhe, por ordem crescente de preço (e de interesse):

Piscicultura — Mes poissons d'aquarium («La Maison Rustique»), Paris.

Aquariuns d'eau douce e d'eau de mer (Ed. Delachau et Niestlé, Suíça).

Petit Atlas des Poissons (Ed. N. Bouée et Cie, Paris).

Garden Ponds Fish and Fountains (Lawrance, Wells, Frederick Warm and Co, Led, Londres).

Le monde sous-marin (Ed. Prisma, Paris, 1957).

Mandbook of tropical aquarium fishes (MacGraw Hill Book Companx, New York).

Estufas — Secções dispersas em:

Enciclopedis des Jardins (Larousse).

Le non jardinier (Vilmorin, Paris).

Estamos certos que, para o segundo assunto, um pedido à «La Maison Rustique» lhe poderá obter dados bibliográficos de maior interesse.

As obras mencionadas podem ser obtidas em qualquer boa livraria. — Campos Gondim.

Videiras porta-enxertos

(Continuação da pág. n.º 494)

rior, as laterais quase igualando, por vezes, o comprimento da mediana.

Pecíolo: em regra nitidamente avermelhado, tearaneu ou glabrescente, obsoletamente costado-estriado, com caneladura nitidamente acentuada.

3 — Sarmentos

Castanho-claro-pardacentos, nitidamente mais escuros e vinosos junto aos nós; entrenós de comprimento mediano ou curtos, de secção arredondada; em regra nitidamente costado-estriados e com nítidas costas grossas; lentículas pequenas, aproximadas; gomos grossos.

4 — Flores

Fisiològicamente femininas, frutificando abundantemente.

5 — Porte da planta

Sub-erecto.



INFORMAÇÕES

Calendário de Julho

Durante este mês a duração do dia é de 14 h. e 52 m. em 1, e de 14 h. e 14 m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Segunda	5.15	20. 6	15. 8	1.48
2 Terça.	5.15	20. 6	16. 6	2.17
3 Quarta.	5.16	20. 5	17. 4	2.47
4 Quinta.	5.16	20. 5	18. 2	3.23
5 Sexta.	5.17	20. 5	18.58	4. 2
6 Sábado	5.17	20. 5	19.53	4.48
7 Domingo	5.18	20. 5	20.44	5.41
8 Segunda.	5.18	20. 4	21.30	6.40
9 Terça	5.19	20. 4	22.11	7.43
10 Quarta.	5.19	20. 4	22.48	8.48
11 Quinta	5.20	20. 3	23.21	9.54
12 Sexta.	5.20	20. 3	23.53	11. 2
13 Sábado.	5.21	20. 2	*	12.10
14 Domingo	5.22	20. 2	0.25	13.18
15 Segunda	5.23	20. 1	0.59	14.28
16 Terça	5.23	20. 1	1.35	15.38
17 Quarta.	5.24	20. 0	2.14	16.49
18 Quinta	5.25	20. 0	3. 0	17.56
19 Sexta.	5.26	19.59	3.53	18.58
20 Sábado.	5.26	19.58	4.52	19.53
21 Domingo	5.27	19.58	5.55	20.42
22 Segunda.	5.28	20.57	7. 0	21.22
23 Terça.	5.29	19.56	8. 4	21.57
24 Quarta.	5.30	19.56	9. 6	22.28
25 Quinta.	5.31	19.55	10. 7	22.56
26 Sexta.	5.32	19.54	11. 4	23.23
27 Sábado.	5.32	19.54	12. 1	23.50
28 Domingo	5.33	19.53	12.58	*
29 Segunda.	5.34	19.52	13.55	0.28
30 Terça.	5.35	19.51	14.52	0.55
31 Quarta.	5.36	19.50	15.50	0.21

Q. C. em 28 às 13 h. 13 m.; L. C. em 6 às 21 h. e 55 m.; Q. M. em 14 às 1 h. e 57 m.; L. N. em 20 às 20 h. e 43 m.

Região Demarcada dos Vinhos Verdes

Fornecimento de Leveduras Seleccionadas

Dentro da orientação dos Serviços de Assistência Técnica, a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes fornece leveduras seleccionadas aos produtores de Vinho Verde Branco, com o fim de uma melhoria da tecnologia vinária da Região Demarcada.

Os interessados deverão dirigir-se ao Laboratório da Comissão de Viticultura ou ao Grémio da Lavoura do concelho a que pertencem, onde lhes serão prestados os esclarecimentos necessários.

O prazo de inscrição decorrerá de 10 a 30 de Julho e aos lavradores inscritos serão dadas oportunamente instruções pormenorizadas sobre a forma de aplicação de leveduras.

Ensinamentos úteis

(De Rádio Rural)

O «fungão» do trigo tem grande importância económica na cultura cerealífera, chegando a provocar decréscimos de produção da ordem dos 60 o/o, em anos de ataques mais intensos.

A desinfectação das sementes, prática de valor confirmado, poderá fazer-se «a seco», por meio de misturadores ou mesmo no chão do celeiro, empregando compostos orgânicos de mercúrio ou sais de cobre, à venda no mercado sob várias designações comerciais.

*

O canibalismo, ou seja o vício das aves de se debicarem umas às outras a ponto de fazerem feridas, é muito frequente nos aviários durante o tempo quente.

Para o combater, evite as aglomerações de aves, temperaturas excessivas, deficiente arejamento, luminosidade demasiado intensa dentro dos alojamentos e, finalmente, administre às aves uma ração equilibrada, em comedouros com espaço suficiente.



A. C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplomacras», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

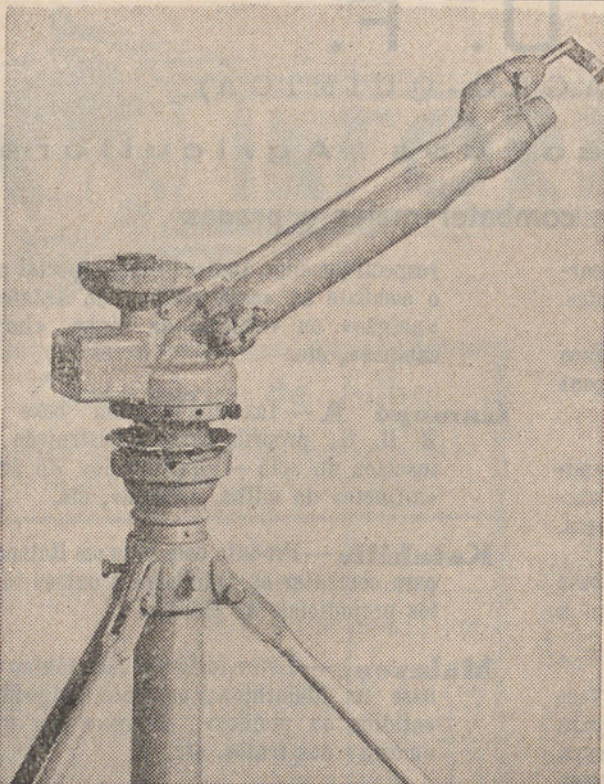
lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Av.^a do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.^a 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO



Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu — Alemanha

Rega por Aspersão

(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Pulverizadores pneumáticos,
tipo «V-1» — para grandes jactos
e grandes alcances, para campos,
prados, pomares, vinhas, etc.

Grupos moto-bombas centrí-
fugos, de todos os tipos e para
todos os fins.

Tubagens leves e acessórios
de ligação rápida.

Estudos e Orçamentos grátis

REPRESENTANTE GERAL:

3885

Eng.º Paulo C. Barbosa

P. Liberdade, 114-4.º-PORTO-Tel. 20866

O MELHOR CAFÉ

2854

É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para
os animais domésticos

Com o desinfectante **ZAP** as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drogarías, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribeiro
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º
L I S B O A

2692

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FACILS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

Desde 3½ HP - 600 R.P.M.

JAYME DA COSTA, L.ª
14 - R. dos Correios - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO

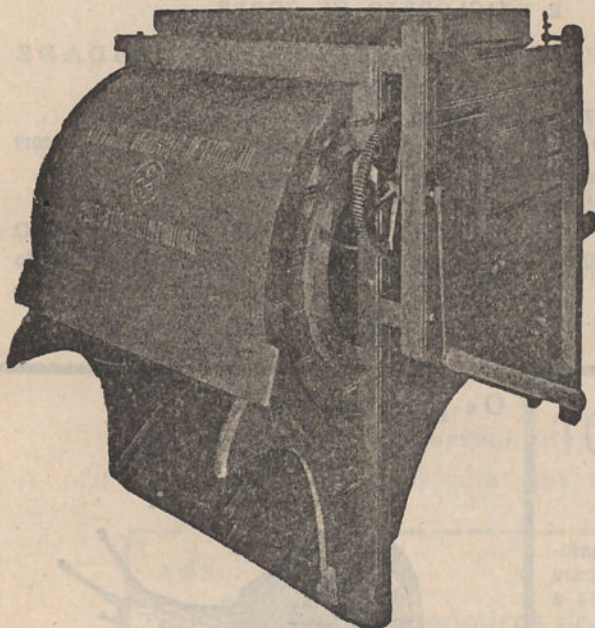
MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149



COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDIÇÃO

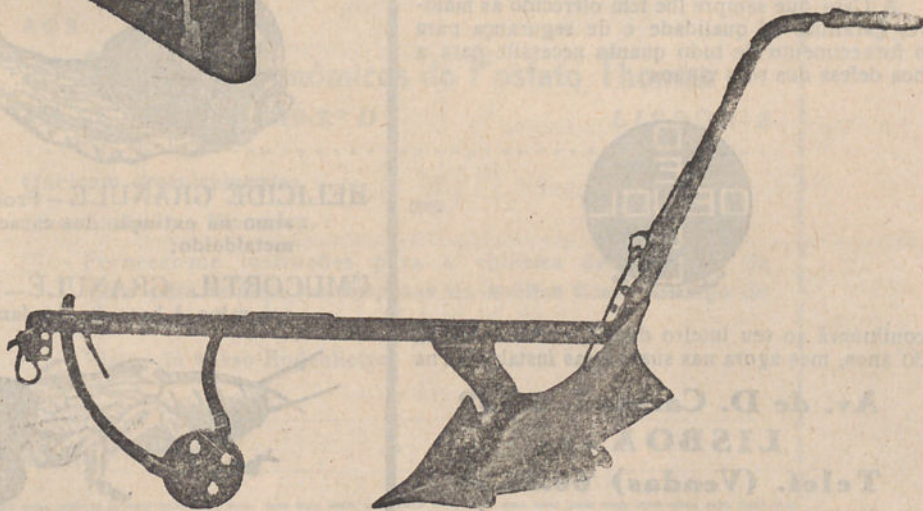
S. A. R. L.



CHARRUAS
DESCAROLADORES
TARARAS

TODO O MATERIAL
AGRÍCOLA

Dirija
as
suas
consultas
à



Rue de S. João, 17 a 21—**PORTO**—Telefone P. P. C.

24927
24928
24929

3349



REP. EXCLUSIVOS:
A. F. GOUVEIA, LDA.



Av. Inf. Santo, 52/1.º
Tel. 675081/82
LISBOA - 3

R. Santos Pousada, 644
Tel. 44573
PORTO

PROTEJA AS SUAS
VINHAS
USANDO O PRODUTO ORIGINAL **PROCIDA**

CARBANES

O FUNGICIDA DO FUTURO!
PODEROSO ANTI-HÍLDIO À BASE DE CARBATÉNE
E OXICLORETO DE COBRE
OUTROS PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

CUPROZINATE — Anti-míldio c/ zinebe + cobre
MICROLUX 95 — Enxofre molhável micronizado 3919
FOG — Enxofre ventilado
ORGANIL — Poderoso anti-pedrado
ZIRAMINE — Produto específico contra a LEPRO DO PESSEGUEIRO
TYTHON "50" — (À base de PARATIÃO) — contra as lagartas do
cacho, cochonilhas, afídeos, etc., etc., etc., etc.

PEDIDOS AOS AGENTES LOCAIS

Senhor Vinicultor

DESDE 1 DE JUNHO

A Casa que sempre lhe tem oferecido as maiores garantias de qualidade e de segurança para o fornecimento de tudo quanto necessite para a boa defesa dos seus vinhos



2860

continuará ao seu inteiro dispor, como desde há 30 anos, mas agora nas suas novas instalações na

Av. de D. Carlos I, n.º 59

LISBOA - 2

Telef. (Vendas) 66.50.64

OENOL

— Sociedade Portuguesa de Enologia, Lda. —
(a antiga Casa da Rua da Prata)

Os produtos da

UMUPRO

LYON-FRANÇA

3189



HELICIDE GRANULÉ — Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.º, L.º

Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

Fosfato Thomas

O ADUBO ideal

para os SOLOS de Portugal

Nas terras pobres em cal empregue sempre

Fosfato Thomas,

o único adubo fosfatado com cal activa e neutralizante existente no mercado.

2890

Envie-nos hoje mesmo este cupom, em carta ou colado num post-1, marcando com uma cruz o que lhe interessar.

A O S

A

Serviços Agronómicos do Fosfato Thomas

Rua D. João V, n.º 29-3.º D

LISBOA-2

Queiram gratuitamente:

- Enviar-me literatura.
- Fornecer-me instruções para a colheita de amostras de terra para análise (as despesas da análise ficam a cargo do agricultor).
- Visita do vosso Engenheiro.

Nome

Morada



Agente Geral para Portugal e Ultramar:
 J. L. Duarte de Almeida, Suc.ra
 Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
 Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro

para hortas e jardins,
 pequenas regas, etc.

3877

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO

“VIBRO-VERTA”

a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
 na cidade e no campo

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

CERCADOS ELÉCTRICOS

KOLTEC



- * Alimentados por pilhas secas de modelo patentado e de longa duração.
- * Sistema ideal para guarda de gado em pastigo directo, sem intervenção de pastores.
- * Montagem e desmontagem facilimas e rápidas.
- * Perímetros de cercado até 20 kms.
- * Modelos especiais para gado lanígero ou rebelde.
- * Sem avarias.
- * Preço acessível.

IMPORTADORES exclusivos:

Agência Comercial Ria, Lda. — Apartado 60 — AVEIRO

3941



Sunda Elástica
 S/ MOLAS E S/ PELOTAS

CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos
 ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165 — PORTO
 Telefone, 22908



1701

comércio e indústria

COMPANHIA DE SEGUROS

incêndio

searas

arvoredo

colmeias

fenos

matos

lenha

palhas

pastagens

máquinas



proteja a sua
lavoura
com uma apólice
agrícola

3936

• *Sachadores*

• *Semeadores*

PLANET *Lor.*

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

Adubos - Máquinas Agrícolas - Sementes

307 - Rua de Santa Catarina - 309

Telef. 25865/6 PORTO Teleg. AGROS

2747



com qualquer tempo e em qualquer terreno



As 4 rodas motoras do motocultivador REX e a sua tomada de força, garantem-lhe a possibilidade de efectuar todos os seus transportes.

Isento de carta de condução, REX é um motocultivador robusto para todos os trabalhos de lavoura.

Gutbrod/MotoStandard

A maior organização na venda de motocultivadores de todos os tamanhos e potências.

EM ARMAZÉM TODAS AS PEÇAS NECESSÁRIAS PARA PODER GARANTIR UMA ASSISTÊNCIA PERFEITA

AGÊNCIA GERAL

Telefs.
20947
20948



PORTO

152, Rua de José Falcão, 156

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Bâsculas * Medidoras para petróleo, azeite e óleo * Cortadores para fiambre * Moinhos para café * Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade - 10 quilos
Mostrador - 1 quilo
Divisões - 5 gramas

Balança semi-automática precisa, moderna e de elegante apresentação

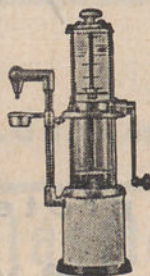


MODELO M4CH

Medidora para Petróleo, Azeite e Óleo

Medição rigorosa e automática nas capacidades de 1/2 e 1 decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE



AVERY PORTUGUESA, L.^{DA}

SEDE - LISBOA - Rua Braamcamp, 66-70 - Telef. 42001

FILIAL - PORTO - Rua D. João IV, 28 - Telef. 22144

AGÊNCIAS } COIMBRA - Rua da Sofia, 164 - Telef. 4512

FUNCHAL - R. Ferreiros, 18 - Telef. 318.2286

Cruz, Sousa & Barbosa, L.da

R. D. João IV, 567-2.º - PORTO - Tels. 27656 e 27657

P A P É I S E

MÁQUINAS GRÁFICAS

2457

Na Cultura do Milho

Para aumentar a sua colheita e
reduzir as despesas de grangeio
semeie sache e regue com

Gutbrod

*Peça prospectos, preços
ou demonstrações à*

Agência Geral GUTBROD

Rua de José Falcão, 152-156 — PORTO
Telefones: 20947 e 20948

OU NOS DISTRIBUIDORES



TIPO
«TERRA»

3781

O Caminho de Ferro
é o transporte ideal, pois
é seguro, rápido, prá-
tico e económico.

1593

Colmeias, Cera Moldada e Utensílios Apícolas

Fabricante desde 1935 da colmeia

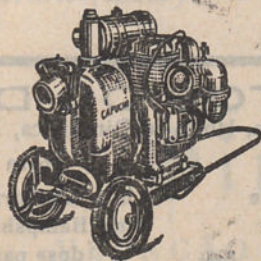
LANGSTROTH-ROOT

Alberto da Silva Duarte

Rua Capitão Luís Gonzaga, 38 — Telef. 23337

COIMBRA

3804



GRUPOS MOTO-BOMBA

"CAPUCHO"

EQUIPADOS COM MOTOR A GAZOLINA.
PETRÓLEO OU GASOLEO

CASA CAPUCHO

LISBOA-RUA DE S.PAULO, 113-129
PORTO-RUA MOUS.DA SILVEIRA, 139-143

3896

à Lavoura

Pó Flecha D. D. T.

a 5%, a 10%, a 20% e 50%

Pó Flecha Lin-Exano

a 6 e 10% de LINDANE

Pó Flecha-Exano

a 1 e 6% de B. H. C.

Matoescaravelho Flecha

Emulsão Flecha-Clor à base de chlordane



PODEROSO INSECTICIDA
para todas as culturas

Emulsão Flecha-B

à base de Lindane

Emulsão Flecha-Malatone

à base de Malation

Fungicida Cobragan 50

50% de cobre

Zincobril

combinação oxiclureto de cobre e Zineb

Emulsão Fosfortion Flecha

Para o extermínio das pragas das *Vinhas, Batatais, Hortas e Pomares*

A VENDA NAS BOAS CASAS

Tudella & Esteves, Lda.—Praça da Alegria, 40-A—LISBOA-2



DUARTE RODRIGUES & SEQUEIRA, LDA.

Praça do Comércio — Telefones 24061 e 24062

B R A G A

* esmagadeira para uvas

* prensas para lagares de vinho

Os nossos técnicos estão ao seu serviço

CHOCADÉIRAS "PAL"

(FABRICO FRANCÊS)

Eléctricas, petróleo e mistas,
50 a 20.000 ovos. Máximo rendimento. Acabamento esmerado. Preços mais baixos do mercado.

Tels. 321241-325085

PINTOS DO DIA

Importação da América, Holanda, Dinamarca, Inglaterra e Israel

para **Engorda:**

White Cornish, White
Rock, etc. «Híbridos»

para carne 3920

para **Ovos:**

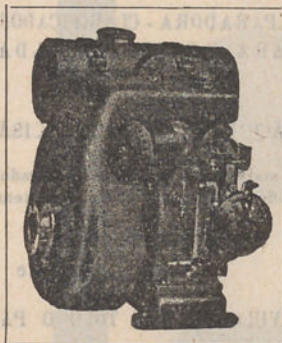
White Leghorn, Rhode Island,
New Hampshire, etc. «Híbridos»

para postura

H. BRAAMCAMP SOBRAL, LDA. P. do Município, 19-2.º—LISBOA-2

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-A NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 5331 8 3532

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE



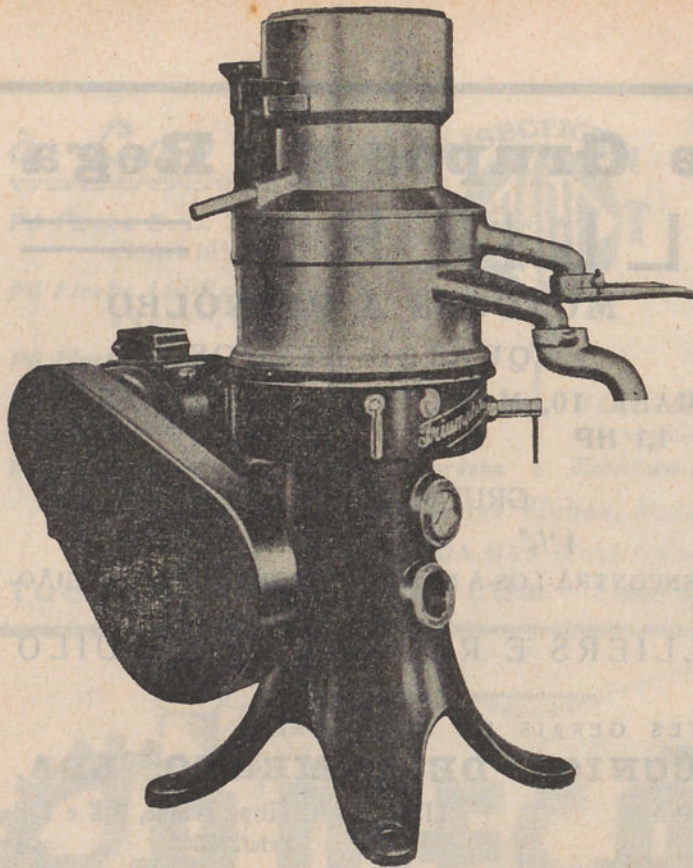
W i n o

MASTIQUE
especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

Avenida Rodrigues de Freilas, 68 PORTO

9689



TRIOMPHE

SEPARADORA - CLARIFICADORA
PARA AZEITE E CALDAS
OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

O mais aperfeiçoado, simplificado e
moderno dos diversos tipos existentes

Recomendada para
lagares de azeite

DIVULGADA POR TOLO O PAÍS

Exposição e Vendas:
Av. Almirante Reis, 80-B a 80-E
Telefs.: 52360-53135-55354

LISBOA

Sociedade Industrial
Agro-Reparadora, L.^{da}

7947

Civilização, L.^{da}

PAPÉIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Rua José Falcão, 107

Telefone, 22819

3400

PORTO

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião

CONCERTAM-SE MALAS
NÃO CONFUNDIR



1942

José Apolinário
31-Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEPHONE, 23636-PORTO

ÉPOCA DE REGAS

Grande sortido de GRUPOS ELECTRO-BOMBAS

desde o mais pequeno monofásico
até ao maior trifásico multicelular.

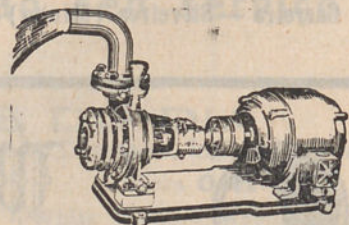
Proteja o seu grupo com um automático BROOK

Tubos em ferro e plástico

CONFIEM na grande experiência da

Casa Cassels

Rua Mousinho da Silveira, 191 — PORTO
Avenida 24 de Julho, 56 — LISBOA



3927

AS RAÇÕES E CONCENTRADOS

PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS

são garantia de

mais carne

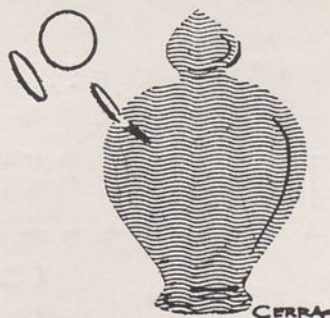
mais ovos

mais leite

MAIS DINHEIRO



Faça um ensaio... e convencer-se-á



FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
Freitas & Gouveia, Lda. — Funchal
A. Relvas, Lda. — Malange

**PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados
para Alimentação de Animais, Lda.**

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 780391 — 782132 — 782131





Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS. 4-2º
LISBOA - TELEF. 368989